

REVISTA DE

# *REFLEXÃO*

# *MISSIOLÓGICA*

PERIÓDICO SOBRE TENDÊNCIAS E DESAFIOS GLOBAIS  
DA MISSÃO



Rio de Janeiro, Brasil -Revista de Reflexão Missiológica -Volume 4,  
Número 2 -julho-dezembro 2024, ISSN-2764-8885.

## **REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA**

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

**ISSN Eletrônico: 2764-8885**

# **EXPEDIENTE**

---

## **JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA**

Diretor-Executivo: Pr. João Marcos Barreto Soares  
Gerente de Missões: Pr. Alexandre Felício Peixoto

## **REVISTA DE REFLEXÃO MISSIONOLÓGICA**

### **Núcleo de Inteligência Missionária**

Coordenador: Pr. Daniel da Cruz Moulié Corrêa

## **EDITORES-EXECUTIVOS**

Doutora Analzira Pereira do Nascimento

Doutor Alcir Almeida de Souza

Doutorando Anderson Silva de Araujo

## **CONSELHO EDITORIAL**

Doutora Analzira Pereira do Nascimento, Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTSP, Brasil

Doutor Alcir Almeida de Souza, Seminário Teológico Batista de Queluz - STBQ, Portugal

Doutor Reinaldo Arruda Pereira, Faculdades Batistas do Paraná - FABAPAR, Brasil

Doutor Daniel Clark

Doutor Jonathan Eric Sharp

## **REVISÃO**

Redação, Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

## **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

## **FOTOS DA CAPA E PUBLICAÇÃO**

Bel Oliveira\*

\* Pseudônimo, missionária de Missões Mundiais na Ásia.

# **INSTITUCIONAL**

---

## **CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS GERÊNCIA DE MISSÕES**

Rio de Janeiro, Brasil

Rua José Higino, 416 - Prédio 21, Tijuca.

CEP: 20510-412 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: [centraldeatendimento@jmm.org.br](mailto:centraldeatendimento@jmm.org.br)

[www.missoesmundiais.com.br](http://www.missoesmundiais.com.br)

Contato (21) 2122-1901 / 2730-6800 (cidades com DDD 21)

0800-709-1900 (demais localidades)

# SOBRE A REVISTA

---

## REVISTA DE REFLEXÃO MISSIONOLÓGICA

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

A Revista de **Reflexão Missionológica**, lançada em 2021, é uma publicação eletrônica semestral, **ISSN: 2764-8885**, produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária - Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

### MISSÃO

A **Reflexão Missionológica** tem como missão ser um espaço de reflexão e diálogo que estimule a publicação de textos inéditos em língua portuguesa, fomentando pesquisas interdisciplinares relevantes à *praxis* missionária.

### OBJETIVOS

A partir de sua vinculação institucional e confessional, ser um espaço que:

- Evidencie a riqueza da diversidade de pensamento e da reflexão crítica no campo da missiologia e áreas correlatas;
- Divulgue resultados de pesquisas inovadoras e de projetos/ações missionais relevantes com vistas ao enriquecimento do saber missionológico e da *praxis* missionária da igreja;
- Acompanhe e fomente a produção missionológica que se efetua em outros países, assinalando a vocação internacional da revista;
- Registre a produção de conhecimento no contexto missionológico contemporâneo.

# SOBRE A REVISTA

---

## PÚBLICO-ALVO

Os conteúdos da revista destinam-se prioritariamente ao público acadêmico, a saber, professores, pesquisadores e estudantes, bem como cristãos interessados na reflexão teológico-missionária.

## PERIODICIDADE

A Revista de *Reflexão Missiológica* é uma publicação semestral (janeiro-junho e julho-dezembro) no formato eletrônico ISSN: 2764-8885.

## PROCESSO DE AVALIAÇÃO PELOS PARES

Os textos aceitos pelo Conselho Editorial serão submetidos à avaliação de dois avaliadores *ad hoc*, pelo sistema de avaliação cega (*Double Blind Review*). Os avaliadores terão um prazo de até quatro semanas para emitir decisão favorável, desfavorável ou favorável sob condições de revisão. Fica reservada à Comissão Editorial o direito de solicitar pareceres adicionais. Todo o processo deve ser realizado, normalmente, em um período de dois meses.

## POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público universaliza o conhecimento.

## CUSTO DE PROCESSAMENTO E ENVIO DOS ARTIGOS

A submissão de artigos na Revista de *Reflexão Missiológica* é livre e gratuita e não contempla remuneração aos seus autores.

---

## **DIRETRIZES PARA AUTORES**

### **Resumo/Abstract**

O resumo deve ter até 200 palavras, espaçamento simples entrelinhas. A estrutura do resumo deve conter: objetivo do artigo, metodologia ou recorte utilizado, dados colhidos e breves considerações das análises efetuadas. Se o artigo for escrito em português, o resumo deve ser traduzido também para o inglês. Deverão ser apresentadas de 3 a 6 palavras-chave separadas por ponto.

### **Referências**

As referências utilizadas no artigo deverão ser apresentadas ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023. As referências deverão ser alinhadas à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

---

## **DIRETRIZES PARA AUTORES**

### **Vozes do Campo - Relatos de Experiência**

Os Relatos de Experiência deverão ser de experiências próprias ou de terceiros. Caso seja um relato de terceiros, é necessário ter relação com o(a) autor(a). Os relatos devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitados em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter nome completo do autor(a), país de referência e o relato de experiência ao final do mesmo.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

### **Resenhas**

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (no máximo 3 anos de publicação) ou obras literárias de referência e devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitadas em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter título, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.



# DIREITO AUTORAL E POLÍTICAS

---

## DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Estou ciente de que, através da submissão voluntária de meu texto ao corpo editorial da Revista de **Reflexão Missiológica**, editada pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, autorizo a mesma a publicar o respectivo texto na revista a título não oneroso e declarando a originalidade do texto e sua não submissão simultânea a qualquer outro periódico, em meu nome e em nome das demais pessoas coautoras, se eventualmente existirem. Permaneço como titular de todos os direitos autorais e comprometo-me a não submeter este mesmo texto a qualquer outra publicação no prazo de, pelo menos, um (1) ano a partir da data de publicação do texto, além de, em caso de nova publicação, fazer referência à publicação original na Revista de **Reflexão Missiológica**.

## POLÍTICA DE RESPONSABILIDADE AUTORAL

Os autores assumem inteira responsabilidade pelo conteúdo dos textos de sua autoria. As pesquisas dos autores não necessariamente expressam a linha editorial e entendimento da Revista de **Reflexão Missiológica**.

## POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados na Revista de **Reflexão Missiológica** serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

# INFORMAÇÕES GERAIS

---

## EXPLICAÇÃO SOBRE AS SEÇÕES DA REVISTA

### **Apresentação**

Em todas as publicações haverá a seção de "Apresentação", que tem por objetivo de apresentar o principal assunto abordado na publicação e desafiar o público-alvo para a discussão.

### **Editorial**

Esta seção apresentará a opinião do Conselho Editorial da Revista de **Reflexão Missiológica**, apresentando o posicionamento e sua linha editorial. Neste espaço será discorrido sobre o tema principal da publicação.

### **Artigos**

Nesta seção serão apresentados os artigos científicos aprovados pelo Conselho Editorial durante o fluxo de trabalho da Revista de **Reflexão Missiológica**.

### **Resenhas**

Nesta seção serão apresentadas as sínteses de livros escolhidos pelo Conselho Editorial, que têm por objetivo despertar a atenção do leitor para o livro em questão, situando-o quanto à importância da obra. Portanto, esta seção será um convite à leitura de livros atuais e de referência em missiologia.

### **Vozes do Campo**

Nesta seção serão apresentados os relatos de experiências missionárias, com o objetivo de colaborar e contribuir com as pesquisas científicas desenvolvidas pela comunidade acadêmica.

# SUBMISSÕES

---

## DIRETRIZES PARA AUTORES

### **Digitação**

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

### **Texto principal**

O corpo do texto deve ser obrigatoriamente iniciado pela “introdução” e concluído pelas “considerações finais” e a lista de “referências”. O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 14. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento 1,5. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 10, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 9. As palavras estrangeiras deverão estar em itálico, sem aspas. As referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”. O artigo completo deverá ter entre 18.000 e 20.000 caracteres com espaços, incluídas as referências e as notas. Quadros e gráficos deverão ser incluídos no corpo do texto (a utilização de determinadas imagens pode implicar ocasionalmente a busca de uma declaração ou autorização de uso das mesmas).



# *Sumário*

## **16 APRESENTAÇÃO**

Pr. João Marcos Barreto Soares

## **17 EDITORIAL**

Me. Anderson Silva de Araujo

## **ARTIGOS**

---

## **19 O ESTRANGEIRO NA BÍBLIA: ABORDAGEM INTRODUTÓRIA**

Rawderson Rangel

## **31 CRUCIFICAÇÃO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA, FÍLMICA E TEOLÓGICA**

Miriam Zanutti



**51 CIBERCULTURA: A NOVA  
FRONTEIRA DA MISSÃO DA  
IGREJA**

Leonardo Rodrigues

**62 LIDERANDO EM FRENTE AO  
ESPELHO**

Aline de Almeida Braga Ribeiro

**RESENHA**

---

**75 MIRANDA, VALTAIR. PARA  
PENSAR SOBRE O FIM.**

Vitor Emanuel Correa de Mesquita



## **RELATOS LAUSANNE**

### **79 RELATO LAUSANNE**

Eder Matias Chitende Joaquim

### **84 RELATO FOURTH LAUSANNE -2024-SOUTH KOREA**

Aline Alvares

# *Apresentação*

A Revista de Reflexão Missiológica da Junta de Missões Mundiais tem o compromisso de oferecer à comunidade acadêmica e missionária uma plataforma de diálogo sobre os desafios e oportunidades da missão no mundo contemporâneo. Nesta edição especial, temos a alegria de dedicar nossas páginas ao impacto e às implicações do Quarto Congresso de Lausanne (Lausanne 4), realizado em setembro de 2024.

O Movimento de Lausanne, desde sua primeira conferência em 1974, tem sido uma referência fundamental para a teologia e a prática missionária global. Em Lausanne 4, líderes cristãos de diversas partes do mundo refletiram sobre os desafios da evangelização no século XXI, abordando temas como a atuação do Espírito Santo na missão, o papel da Igreja diante da perseguição, a colaboração intergeracional e interdenominacional, o testemunho cristão no local de trabalho e o compromisso com a justiça social.

Nesta edição, reunimos artigos científicos que analisam esses temas a partir de perspectivas missiológicas, bíblicas e estratégicas. Os textos apresentados visam não apenas registrar as discussões do congresso, mas aprofundar o diálogo sobre os

Convidamos nossos leitores a refletirem sobre os desafios e as oportunidades apresentados nesta edição, fortalecendo o compromisso de proclamar e demonstrar Cristo juntos, conforme o chamado reafirmado em Lausanne 4.

Boa leitura!





# Editorial

*Me. Anderson Silva de Araujo*

## LAUSANNE 50 ANOS

A missiologia, como campo de estudo e prática, está intrinsecamente ligada à compreensão do mundo em que vivemos e à forma como a mensagem do Evangelho se relaciona com as complexidades da sociedade contemporânea. Nesta edição, reunimos quatro artigos que refletem justamente essa dinâmica, abordando temas que vão desde as raízes bíblicas até os desafios emergentes da cibercultura, passando por reflexões históricas, teológicas e práticas sobre liderança.

Temas que estão alinhados com as discussões aprofundadas no Congresso de Lausanne de 2024, um marco global para a reflexão e ação missionária.

No artigo "O Estrangeiro na Bíblia: Abordagem introdutória", Ralderson Rangel nos convida a revisitar as Escrituras com um olhar atento à figura do estrangeiro. Em um mundo marcado por migrações em massa, conflitos étnicos e exclusão social, compreender a perspectiva bíblica sobre o "outro" é fundamental para a missão da Igreja. Rangel nos lembra que a hospitalidade e o cuidado com o estrangeiro não são apenas mandamentos éticos, mas expressões concretas do amor de Deus. Este artigo nos desafia a repensar nossa postura em relação aos que estão à margem, seja em nossa comunidade local ou em contextos transculturais.

Já em "Crucificação: Uma Análise Histórica, Fílmica e Teológica", Miriam Zanutti nos oferece uma reflexão profunda sobre um dos pilares centrais da fé cristã: a cruz de Cristo. Ao explorar as dimensões históricas, culturais e teológicas da crucificação, Zanutti nos ajuda a compreender como esse evento singular ressoa em diferentes contextos, inclusive no cinema moderno. Sua análise nos convida a refletir sobre como a mensagem da cruz pode ser comunicada de maneira relevante em um mundo onde a imagem e a narrativa visual têm um poder transformador.

Leonardo Rodrigues, em "Cibercultura: A Nova Fronteira da Missão da Igreja", nos leva a um território ainda pouco explorado pela missiologia tradicional: o mundo digital. A cibercultura, com suas redes sociais, inteligência artificial e realidades virtuais, representa um novo campo missionário que exige criatividade e discernimento. Rodrigues argumenta que a Igreja não pode ignorar essa realidade, mas deve engajar-se de forma intencional e crítica, utilizando as ferramentas digitais para ampliar o alcance do Evangelho e construir comunidades de fé no ambiente virtual.

Por fim, Aline de Almeida Braga Ribeiro, em "Liderando em Frente ao Espelho", nos oferece uma reflexão prática e necessária sobre a liderança cristã. Em um contexto onde a integridade e a autenticidade são cada vez mais valorizadas, Ribeiro enfatiza a importância da autoavaliação e do autoconhecimento para líderes que desejam servir com excelência e fidelidade. Seu artigo é um convite à humildade e à reflexão, qualidades essenciais para quem deseja liderar de acordo com os princípios do Reino de Deus.

Juntos, esses artigos nos ajudam a traçar um panorama abrangente dos desafios e oportunidades que a missão da Igreja enfrenta hoje. Eles nos lembram que, assim como no passado, a missão continua sendo um chamado para engajar-se com o mundo em todas as suas dimensões: cultural, histórica, tecnológica e espiritual. O Congresso de Lausanne de 2024 foi um espaço privilegiado para aprofundar essas discussões e buscar caminhos para uma atuação missionária mais relevante e transformadora.

Que esta edição inspire e equipe nossos leitores a refletir, agir e liderar com sabedoria e coragem, sempre guiados pelo Espírito Santo e comprometidos com a missão integral do Evangelho.

17 Boa leitura!



REVISTA DE

# *REFLEXÃO*

# *MISSIOLÓGICA*

PERIÓDICO SOBRE TENDÊNCIAS E DESAFIOS GLOBAIS  
DA MISSÃO



LAUSANNE 50 ANOS

# *ARTIGOS*



## **O Estrangeiro na Bíblia: Abordagem introdutória**

*Rawderson Rangel<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O presente artigo analisa diferentes palavras relacionadas com o estrangeiro no Antigo Testamento, partindo do estrangeiro hostil até ao migrante naturalizado, seus deveres e privilégios. A proposta é contribuir para o debate de um tema atual tão antigo quanto o surgimento da humanidade, partindo dos textos originais do Antigo Testamento e considerando diferentes nuances.

Palavras-chave: Estrangeiro. Israelitas. Migrante. Naturalizado.

### **Abstract**

The present article analyzes different words related to foreigners in the Old Testament, since the hostile foreigner to the naturalized migrant, his duties and privileges. The proposal is to contribute to the debate currently so important as old as the beginning of humanity, examining the original texts of the Old Testament and considering its different nuances.

Keywords: Alien. Foreigner. Israelites. Migrant. Naturalize.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo STBSB (atual Faculdade Batista Carioca, Rio de Janeiro, RJ) revalidado pela FABAPAR (Faculdades Batista Paranaense, Curitiba, PR); Mestre em Teologia pela PUCPR; Estudou Hebraico Bíblico acreditado pela Universidade Hebraica de Jerusalém; Missionário das igrejas batistas do Brasil, enviado pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira (JMM da CBB) em Moçambique. Nesse país, exerce o ministério de ensino como professor em institutos e seminários teológicos de forma presencial e remota. E-mail: rawderson@hotmail.com.br.

## 1. Introdução

A Bíblia menciona de forma recorrente histórias envolvendo a migração, a começar pela declaração de fé que cada israelita deveria afirmar ao Senhor diante do Sacerdote, mencionada em Deuteronômio 26.5: “O meu pai era um arameu errante.”<sup>2</sup>

Tanto no Antigo Testamento, como também no Novo Testamento, o assunto ganha nuances que vão desde narrativas envolvendo a discriminação, até aos salvos que estão desterrados e esperam a pátria gloriosa e final.<sup>3</sup>

Quando se considera o valor que Deus dá aos humanamente menosprezados e rechaçados, então é mais fácil perceber a atenção que a Bíblia reserva aos que deixaram a terra de origem, mas que não se sentem parte da terra de destino.

## 2. Definição de termos

O Antigo Testamento não especifica o termo “migrante”, embora Strong faça referência a *Salkah*, uma palavra extrabíblica relacionada com “andar”, e como consequência, (migração).<sup>4</sup>

As traduções bíblicas, em diferentes textos do Antigo Testamento, não distinguem a palavra “estrangeiro”, levando frequentemente o leitor a interpretar diferentes realidades como se fossem uma só; desta forma, poderá haver certa dúvida quanto à forma como o estrangeiro era tratado nos tempos bíblicos: por um lado, se de uma parte ele deveria ser incluído entre o povo, por outro ele deveria ser afastado do relacionamento das pessoas; em determinadas passagens bíblicas os estrangeiros devem receber o mesmo cuidado que os órfãos e as viúvas; em outras no entanto, devem ser tratados com desconfiança e afastados da comunidade de Israel.

## 19

---

<sup>2</sup> BÍBLIA, P. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001. (Dt. 26.5). A NVI, juntamente com a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (BÍBLIA, P. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000) traduzem a palavra que se encontra no original cuja tradução está relacionada a uma pessoa sem paradeiro. A Nova Almeida Atualizada (BÍBLIA, P. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017) omite a palavra, e a Almeida Revista e Atualizada (BÍBLIA, P. **Almeida**

<sup>3</sup> Filipenses 3.20, 21; Hebreus 11.14-16.

<sup>4</sup> STRONG, J. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. Versão eletrônica p. Encontra-se no software Logos.

Há diferentes palavras em hebraico normalmente traduzidas por “estrangeiro”. As mais comuns são זָר (zuwr), נֶכְרִי (nēkār), גֵר (gēr) e תְּוֹשָׁב (tōwšāḇ). Analisar essas palavras em seus contextos contribui para compreender o tratamento destinado ao estrangeiro no Antigo Testamento, fazendo o estudioso compreender que nem todas as palavras relacionadas aos desterrados na Bíblia devem ser aplicadas da mesma forma, além de se compreender a quem a lei amparava.

Pode-se ver parte dessas nuances em Êxodo 12.43-51, o texto que trata da instituição da Páscoa:<sup>5</sup>

*<sup>43</sup>O Senhor disse a Moisés e a Arão: — Esta é a ordenança da Páscoa: nenhum estrangeiro [nēkār] comerá dela. <sup>44</sup>Porém todo escravo comprado por dinheiro, depois de ser circuncidado, comerá da Páscoa. <sup>45</sup>O estrangeiro [tōwšāḇ] e o assalariado não comerão dela. <sup>46</sup>O cordeiro deverá ser comido numa só casa. Não levem nada da carne para fora da casa nem lhe quebrem osso nenhum. <sup>47</sup>Toda a congregação de Israel o fará. <sup>48</sup>Porém, se algum estrangeiro [yāgūr, proveniente de gēr] se hospedar com você e quiser celebrar a Páscoa do Senhor, que primeiro sejam circuncidadas todas as pessoas do sexo masculino; depois poderá observar a Páscoa, e será como o natural da terra; mas nenhum incircunciso comerá dela. <sup>49</sup>A mesma lei será aplicada ao natural da terra e ao estrangeiro que estiver entre vocês. <sup>50</sup>Assim fizeram todos os filhos de Israel; como o Senhor havia ordenado a Moisés e a Arão, assim fizeram. <sup>51</sup>Naquele mesmo dia o Senhor tirou os filhos de Israel do Egito, segundo os seus exércitos.*

Observa-se que, em comparação com a Bíblia Hebraica Stuttgartensia [BHS],<sup>6</sup> as traduções portuguesas Almeida Revista e Corrigida [ARC],<sup>7</sup> Almeida Século 21 [A21],<sup>8</sup>

<sup>5</sup> BÍBLIA, P. **Nova Almeida Atualizada**, 2017.

<sup>6</sup> BÍBLIA, H. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: German Bible Society, 1997.

<sup>7</sup> BÍBLIA, P. **Bíblia Sagrada, Edição Revista e Corrigida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. 1468 p.

<sup>8</sup> BÍBLIA, P. **Bíblia Almeida Século 21**. 2ª Edição. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010. 1290 p.

Nova Versão Internacional [NVI],<sup>9</sup> Nova Tradução na Linguagem de Hoje [NTLH],<sup>10</sup> Nova Versão Transformadora<sup>10</sup> e A Bíblia Para Todos [BPT]<sup>11</sup> traduzem o texto da seguinte forma:

Tradução	v. 43	v.45	v.48
<b>BHS</b>	nēkār	tōwšāb	yāgūr (gēr)
<b>ARC</b>	[...] nenhum filho de estrangeiro	[...] O estrangeiro e o assalariado	[...] estrangeiro se hospedar contigo
<b>A21</b>	[...] estrangeiro	[...] estrangeiro e assalariado	[...] estrangeiro [...] vivendo entre vocês

<b>NVI 2020</b>	[...] estrangeiro	[...] O residente temporário e o trabalhador contratado	[...] estrangeiro residente
<b>NTLH</b>	[...] estrangeiro	[...] Os estrangeiros, tanto os que estiverem de passagem como os que estiverem vivendo no país, vivendo de salário,	[...] se algum estrangeiro estiver morando com vocês
<b>NVT</b>	[...] estrangeiro	[...] residentes temporários e os empregados	[...] estrangeiros que vivem entre vocês
<b>BPT</b>	[...] estrangeiro	[...] estrangeiro, seja residente, seja assalariado	[...] estrangeiro que viver convosco

Sem fazer qualquer juízo de valor quanto às traduções, observa-se que aquelas que utilizam o método dinâmico acrescentam informações com o objetivo de esclarecer o sentido da palavra “estrangeiro”. À primeira vista pode parecer algo irrelevante; no entanto, para aquele que não tem as devidas ferramentas para o estudo bíblico, ou

<sup>9</sup> BÍBLIA, P. **Nova Versão Internacional - Logos Ed.** São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001. <sup>10</sup> BÍBLIA, P. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**, 2000

<sup>10</sup> BÍBLIA, P. **Nova Versão Internacional - Logos Ed.**, 2001

<sup>11</sup> BÍBLIA, P. **A Bíblia Para Todos**. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal, 2009. 1901 p.

para o novo convertido, a tradução poderá confundir: afinal, o que diz o texto? O estrangeiro pode, ou não pode participar da festa da Páscoa? Além da celebração desta festa, o assunto envolve a questão da migração e a forma como a Bíblia trata diferentes estrangeiros entre os israelitas, e de acordo com a lei.

É fundamental considerar que os estudos sobre este tema não são conclusivos; deve-se levar em conta diferentes fatores, tais como: o longo espaço de tempo em que o texto bíblico foi escrito, as alterações naturais da língua e o extenso espaço geográfico. Apesar disso, é possível compreender determinados elementos diferenciadores deste assunto, conforme veremos a seguir:

### **2.1 O estrangeiro como adversário**

A palavra *zwr* inicialmente se relaciona com “aquilo que é diferente”. No Pentateuco, a palavra não estava vinculada a nação hostil, mas com o que era estranho, desconhecido; no entanto, o conceito muda bastante, nos livros proféticos, pois os *zārîm* (no plural) não são retratadas apenas como “um estranho”; Ezequiel<sup>12</sup> normalmente os menciona como destruidores que despojaram Jerusalém e o templo. Outros profetas mencionaram diversas vezes os estrangeiros invasores, algozes ou inimigos ferrenhos.<sup>13</sup> O estrangeiro desconhecido, bárbaro, normalmente era identificado como *zwr*, ou derivados. Havia sempre o receio de seus ataques ou invasões.

A esse estrangeiro, o distanciamento era o mais recomendável, inclusive porque eles eram sempre potenciais adversários.

---

<sup>12</sup> Ez. 7.21; 11.9; 28.7, entre outros.

<sup>13</sup> Snijders, L. A. (1980). זר/זר. In **Theological Dictionary of The Old Testament**. Tradução de John T. WILLS. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, Vol. 4, p. 54–55p.

Longe (assírios e babilônios) ou perto (filisteus), eram vistos como cruéis.<sup>14</sup> A esses, a lei não oferecia nenhum tipo de amparo ou proteção.<sup>15</sup>

No sentido de estranho e estrangeiro, *zar* ou *zwr* se relaciona também aos deuses de outras nações, conforme registra L. A. Snijders. Ele recorda que *zwr* pode ser aplicado também aos deuses que ameaçavam e corrompiam a fé de Israel e o bem-estar do povo. Em Jeremias 5.19 e 30.8, ambos são mencionados: os governantes ou nações estrangeiras e seus deuses.<sup>16</sup>

## 2.2 O estrangeiro não relacional

Outra palavra na Bíblia hebraica para “estrangeiro”, *nkr* e correlatas, refere-se a uma “cidade não-israelita”, “terra estranha” e “pessoas estrangeiras”.<sup>17</sup> Strong acrescenta a tradução “desconhecido, não familiar”, quando se trata de um gentílico.<sup>18</sup>

No caso deste tipo e estrangeiro no meio do povo de Israel, o gentílico derivado é definido como uma pessoa que vinha de outro país e não tinha relação com o sistema tribal ou com a comunidade; ele seguia outra religião por opção própria. Nos documentos legais, este migrante nunca estava na lista dos que participavam das cerimônias religiosas; embora pudesse até mesmo residir entre o povo, ele usufruía de benefícios como o perdão de dívidas no ano do Jubileu (Deuteronômio 15.3) ou a isenção da cobrança de juros (Deuteronômio 23.20).

<sup>14</sup> Stählin, G. (1964–). ξένος, ξενία, ξενίζω, ξενοδοχέω, φιλοξενία, φιλόξενος. In **Theological Dictionary of The New Testament**. Tradução de Geoffrey W. Bromiley. Primera. ed. Ann Harbor: WM. B. EERDMANS PUBLISHING COMPANY, Vol. 5, p. 8.

<sup>15</sup> Snijders, L. A. (1980). נָכַר/נָכָר. In **Theological Dictionary of The Old Testament**, Vol. 4, p. 54–55p.

<sup>16</sup> Snijders, L. A. (1980). נָכַר/נָכָר. In **Theological Dictionary of The Old Testament**, Vol. 4, p. 54–55p.

<sup>17</sup> HARRIS, R. L.; ARCHER JR, G.; WALTKE, B. K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro REDONDO; Luis Alberto T. SAYÃO e Carlos Alberto C. PINTO. Primera. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p. Pp. 967, 968.

<sup>18</sup> STRONG, J. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**, 2005.



Das mãos desse estrangeiro o levita não deveria tomar oferta e entregá-la ao Senhor (Levítico 22.25). Além disso, a lei também proibia essa pessoa de ser escolhida como rei de Israel (Deuteronômio 17.15).

A história do Reino unido de Israel, indica que *nkr* e israelitas conviveram: David e Salomão estabeleceram acordos comerciais e diplomáticos com outros povos. No entanto, a queda de Salomão se explica pelo envolvimento no culto aos ídolos das esposas estrangeiras [*nkr*], pervertendo seu coração (conforme condenado na lei Êx 34:16; Dt 7:3-4). Não havia impedimento de relacionamento entre o israelita e o *nkr*, desde que mantido o distanciamento envolvendo aspectos da religião.

Encontramos também passagens do Antigo Testamento apresentando israelitas realizando o caminho inverso em direção às terras desses “estrangeiros distantes”: A família de Noemi migrou devido à fome; David viveu no estrangeiro e se alistou no exército dos filisteus (I Samuel 27.1-12); no entanto, conforme se tem observado, a presença em terra estranha não implicava plena aceitação a tudo o que existisse na outra nação.

Apesar desse afastamento e do distanciamento dos *nkr* perante a lei estabelecida, eles também eram objeto do amor do Senhor. No momento da consagração do templo, Salomão declara em tom missionário:

*41— Também ao estrangeiro [nkr], que não for do teu povo de Israel, porém vier de uma terra distante, por amor do teu nome 42 — porque ouvirão do teu grande nome, e da tua mão poderosa, e do teu braço estendido —, e orar, voltado para este templo, 43 ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, e fazes tudo o que o estrangeiro [nkr] te pedir, a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome, para te temerem como o teu povo de Israel e para saberem que este templo, que eu edifiquei, é chamado pelo teu nome. 19*

---

<sup>19</sup> BÍBLIA, P. **Nova Almeida Atualizada**, 2017.

A oração de consagração do templo indica que a obra teve como um dos propósitos proclamar ao mundo a glória de do Senhor, fazendo com que pessoas de diferentes lugares reconhecessem o Seu poder – até mesmo as pessoas inicialmente sem interesse em se relacionar com o Deus do povo de Israel.

Dentro desta categoria de pessoas envolvidas sem comprometimento está o *Toshav*; muitas vezes ele é identificado como um peregrino, conforme o Salmo 39.12 [verso 13 na Bíblia Hebraica]:<sup>20</sup>

*Ouve, Senhor, a minha oração, e inclina os teus ouvidos ao meu clamor; não te cales perante as minhas lágrimas, porque sou para contigo como um estrangeiro, e peregrino como todos os meus pais.*

O sentido está relacionado a um estrangeiro temporário, aquele que buscava um trabalho, mas sem um envolvimento com a religião e aceitação das leis. Alguém que apenas passava pela terra; este poderia receber atenção da parte do residente, principalmente para lhe atender às necessidades básicas, mas não tinha amplos direitos garantidos.

### 2.3 O estrangeiro naturalizado

A expressão “porque foste escravo no Egito” enfatizada em Deuteronômio,<sup>21</sup> levava o povo a recordar tanto a condição do seu passado, como um alerta quanto ao cuidado com os desterrados e servos que havia. A mensagem era clara ao povo: não fazer com os outros aquilo que haviam feito com eles enquanto em terra alheia, seguindo a regra de ouro de Mateus 7.12 e Lucas 6.31.

---

<sup>20</sup> BÍBLIA, P. **Bíblia Sagrada, Edição Revista e Corrigida**. De acordo com a poesia hebraica, sinônimos caminhavam juntos como complementação da frase, daí a NVI traduzir este trecho como: estrangeiro, como foram todos os meus antepassados [BÍBLIA, P. **Nova Versão Internacional**, 2001.]; a NAA: peregrino, como todos os meus pais o foram [BÍBLIA, P. **Nova Almeida Atualizada**, 2017]; NTLH: hóspede por pouco tempo [BÍBLIA, P. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**, 2000].

<sup>21</sup> De acordo com o original, na segunda pessoa masculina do singular: Deuteronômio 5.15; 15.15; 16.12; 24.18; 24.22

O sofrimento como desterrados deveria servir como orientação no relacionamento com os que não pertenciam à descendência israelita.

De todos os termos que a Bíblia apresenta, o *gēr* é o mais conhecido por ser o migrante que se relacionava diretamente com os filhos de Israel. Deuteronômio 14.21 distingue o *gēr* e o *nakar* (também *nokri*):

*Não comereis nenhum animal que morreu por si. Podereis dá-lo ao estrangeiro [gr] que está dentro da tua cidade, para que o coma, ou vendê-lo ao estranho [nkr](...).*

O *gēr* é o migrante desacompanhado que chegava à terra de Israel,<sup>22</sup> interagia com os habitantes e aceitava a lei estabelecida. O fato do *gēr* submeter-se à circuncisão indicava a aceitação de um pacto e a declaração de que assumia os compromissos da aliança. Não eram as leis que se adaptavam aos que migravam, mas sim estes que se submetiam à lei estabelecida. Isso preservava a cultura, religião e sociedade do povo israelita.

Desde o momento em que adería aos regulamentos constituídos, o migrante passava a ser uma pessoa naturalizada e deveria ser visto “como um nascido na terra” (Êxodo 12.48, 49, Levítico 19.34). Em muitos casos, distinguir “estrangeiro”, “filhos de Israel” (בני־ישראל) e “casa de Israel” (בית ישראל), não é possível pois essas frases parecem ser intercambiáveis.<sup>23</sup> No entanto, de acordo com Deuteronômio 23.8,9, o *gēr* não se tornava um israelita, mas apenas os seus descendentes a partir da quarta geração.<sup>24</sup> Apesar disso, em Deuteronômio 1.16 está claro que tanto o “irmão” como o estrangeiro residente deveriam receber o mesmo tratamento diante da lei. Justiça para ambos, sem pesar a condição de nacionalidade. Há diversos textos que protegem o estrangeiro residente.

## 26

---

<sup>22</sup> MILGROM, J. **Leviticus 17–22**: A New Translation With Introduction and Commentary. New Haven: Yale University Press, v. II, 2008. 1892 p. Yale University Press, Vol. 3A, p. 1417.

<sup>23</sup> Levítico 17.8, 10, 13; 20.2; 22.18, entre outros.

<sup>24</sup> MILGROM, J. **Leviticus 17–22**, Vol. 3A, p. 1417. <sup>26</sup>

Ver também Números 15.13-16

Números 9.14 é o primeiro grande cerimonial representativo da libertação do povo do Egito e o estrangeiro é mencionado. Observa-se que as leis foram constituídas considerando tanto o natural, como o estrangeiro residente:<sup>26</sup>

*quando todo o Israel se apresentar diante do Senhor, seu Deus, no lugar que este escolher, vocês devem ler esta Lei diante de todo o Israel. <sup>12</sup>Reúnam o povo, os homens, as mulheres, as crianças e os estrangeiros que se encontram nas cidades onde vocês moram, para que ouçam, aprendam e temam o Senhor, o Deus de vocês, e cuidem de cumprir todas as palavras desta Lei.*

25

As leis deveriam ser repetidas porque sempre haveria aqueles que ainda não a conheciam: anualmente novos migrantes assumiam o compromisso com a lei de Deus e tornavam-se estrangeiros protegidos pela legislação. Mais relevante que a etnia era o fato da pessoa se submeter à legislação estabelecida, desfrutando dos mesmos privilégios e responsabilidades.

#### **4. Considerações Finais**

As traduções bíblicas estabelecem diferentes critérios para traduzir palavras que têm em seu bojo significados ora diferentes, ora semelhantes. Mais uma vez se confirma a importância do estudo com diferentes traduções para contribuir com o crescimento da Igreja de Jesus e proclamação da sua mensagem.

O presente artigo analisou quatro palavras que de forma recorrente são traduzidas por estrangeiros; embora esse seja o sentido ampliado destes substantivos, também é verdade que no estudo detido é possível perceber importantes diferenças. Nesse sentido, a proposta é contribuir para uma reflexão sobre o migrante à luz da Bíblia.

---

<sup>25</sup> BÍBLIA, P. **Nova Almeida Atualizada**, 2017.

É relevante observar que os critérios para cada um dos termos permitem identificar que as leis estabelecidas não eram alteradas para acomodarem-se aos desterrados, mas estes é que deveriam se submeter às normas estabelecidas;

Observou-se também que a nacionalidade era adquirida após a confirmação da descendência viver em Israel por um período, não sendo algo imediato, apenas por ter nascido entre o povo israelita;

Neste estudo se observou que o relacionamento com os estrangeiros era possível, seja por acordos comerciais, seja por migração por parte dos israelitas ou dos povos vizinhos, e que havia diferentes possibilidades de relacionamento, sendo vedada a adoração aos deuses desses povos;

Finalmente, Deus ama a todas as nações, não importando com a sua origem, raça ou cor. O propósito do Senhor sempre foi o de fazer seu nome engrandecido entre todos os povos.

## Referências

- 4Q34 Deuteronomy g. (2010). **4Q34 Deuteronomy g**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2010.
- 4Q38a Deuteronomy k2. (2010). **4Q38a Deuteronomy k2**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2010.
- BÍBLIA, G. **The Old Testament in Greek: According to the Septuagint**. Cambridge: Cambridge University Press, 1909.
- BÍBLIA, H. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: German Bible Society, 1997. BÍBLIA, P. **Bíblia Sagrada, Edição Revista e Corrigida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. 1468 p.
- BÍBLIA, P. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BÍBLIA, P. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BÍBLIA, P. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001.
- BÍBLIA, P. **A Bíblia Para Todos**. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal, 2009. 1901 p.
- BÍBLIA, P. **Bíblia Almeida Século 21**. 2ª Edição. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010. 1290 p.
- BÍBLIA, P. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- HARRIS, R. L.; ARCHER JR, G.; WALTKE, B. K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro REDONDO; Luis Alberto T. SAYÃO e Carlos Alberto C. PINTO. Primera. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.
- MILGROM, J. **Leviticus 17–22: A New Translation With Introduction and Commentary**. New Haven: Yale University Press, v. II, 2008. 1892 p.
- STRONG, J. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. Versão eletrônica p. Encontra-se no software Logos.

WILLIAM B. EERDMANS PUBLISHING COMPANY. **Theological Dictionary of The New Testament**. Tradução de Geoffrey W. Bromiley. Primera. ed. Ann Harbor: WM. B. EERDMANS PUBLISHING COMPANY, v. VI, 1968. 1003 p.

WILLIAM B. EERDMANS PUBLISHING COMPANY. **Theological Dictionary of The Old Testament**. Tradução de John T. WILLS. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, v. I, 1974. 479 p.

## CRUCIFICAÇÃO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA, FÍLMICA E TEOLÓGICA

Miriam Zanutti 1

### Resumo

A crucificação é um dos temas mais emblemáticos do cristianismo. Continua sendo pesquisa de muitos estudiosos sobre o Jesus histórico entre historiadores e teólogos. A história da crucificação possui as particularidades da metodologia da história, bem como a teologia possui seus métodos. As obras fílmicas sobre Jesus têm um pouco mais de cem anos, promovendo as várias faces de Jesus e seu tempo: o judeu de Nazaré, as dores da Paixão, a violência medieval, o filho de Maria, a visão católica, a protestante, entre outros. Pensando nos campos histórico, fílmico e teológico, pretende-se analisar a crucificação apresentada nestes três eixos levando à compreensão de que cabe à teologia trazer ao interlocutor o significado da morte de Cristo e sua dimensão nas raízes do querigma missiológico. É a partir da crucificação que se entenderá a eucaristia, que tem na ressurreição o ápice do memorial.

**Palavras-Chave:** Crucificação; Análise Histórica; Querigma missiológico

### Abstract

The crucifixion is one of the most emblematic themes of Christianity. It continues to be the subject of research by many scholars on the historical Jesus, including historians and theologians. The history of the crucifixion has its own particularities in the methodology of history, just as theology has its own methods. Films about Jesus have been around for a little over a hundred years, promoting the various faces of Jesus and his time: the Jew from Nazareth, the pains of the Passion, medieval violence, the son of Mary, the Catholic vision, the Protestant vision, among others.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Doutorado iniciado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em História Social iniciada em 2022 e transferência para FAJE. Pesquisa em curso sobre a trajetória de João Fernandes Clapp no movimento abolicionista no Rio de Janeiro do século XIX e na releitura teológica cristã contra a escravidão. Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (2021). Mestrado em Missiologia pelo Centro Evangélico de Missões (2004). Pós-graduação em Teologia pelo Seminário Teológico Peniel (1996). Licenciatura em História iniciada na Universidade Gama Filho e com término na Universidade de Uberaba (2014). Especialização em Africanidades (2017). Pesquisadora de comunidades tradicionais quilombolas nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Pesquisa em História do Brasil Imperial, com ênfase no movimento abolicionista e quilombos; islamismo no Brasil, dos escravos malês até a imigração síria e libanesa nos séculos XIX e XX; cristianismo protestante no século XIX no Brasil.



Considering the historical, filmic and theological fields, the aim is to analyze the crucifixion presented in these three axes, leading to the understanding that it is up to theology to bring to the interlocutor the meaning of Christ's death and its dimension in the roots of the missiological kerygma. It is from the crucifixion that we will understand the Eucharist, which has the resurrection as the apex of the memorial.

**Keywords:** Crucifixion; Historical analysis; Missiological; Kerygma.

### **Introdução**

A crucificação de Jesus é raramente desconhecida entre as gerações mais distintas e povos mais distantes. Sob vários campos da mensagem da cruz, alguns conseguiram através da arte, história e textos sagrados, trazer o evento da Paixão de Cristo em reflexões distintas, sendo alguns pontos convergentes e outros divergentes. É da crucificação e ressurreição que o memorial eucarístico é compreendido. Para não se perder a essência deste sacramento, entender a crucificação é parte fundamental da resposta para o cumprimento sacramental. É a teologia cristã do Cristo crucificado, a cristologia da cruz, a mais bem alinhada com os eventos históricos e explicações teológicas. Para quem se debruça na pesquisa da expansão do cristianismo, é de suma importância catalisar os propósitos de Deus na crucificação de Jesus e o evento histórico que reforçou esse momento.

A proposta deste artigo é analisar os três eixos de abordagem da crucificação, o momento da Paixão de Cristo, quando Jesus passa a carregar a cruz em seus ombros até a sua morte no Gólgota. O primeiro estudo é a história, o processo da crucificação passa pela condição política e social da época, não existiria um modelo de pena de morte da cruz nos dias atuais sob o comando de um império; não porque o humano

se tornou menos grotesco e menos ávido às rinhadas entre pessoas, e sim pelo método de pena de morte ter outros contornos.[2] O estudo sobre a história da crucificação tem apontado às pesquisas do Jesus histórico retomadas nos anos de 1950 pelo teólogo luterano alemão Ernst Käsemann, o que aumentou o interesse de conhecer mais o homem de Nazaré. Teólogos e historiadores recentes como David Allen e André Chevitarese trabalham a questão histórica da crucificação de Jesus.

Alinhado ao segundo campo, mas com dimensões próprias, a cinematografia explorou a vida de Jesus filmando sua paixão com propriedades históricas utilizando a sétima arte. O cinema aproximou Cristo de um público amplo sendo o personagem religioso mais explorado em obras fílmicas. Mas quais suas vantagens e desvantagens para teologia? O filme não exerce o papel de explicações teológicas profundas que dependem da leitura do texto bíblico para maior compreensão e dimensão da cristologia da cruz. Entretanto, consegue tornar Cristo conhecido da plateia diversa capaz de instigar desejos de conhecer mais profundamente quem é Jesus e seu exemplo de vida e capaz de tornar também compreensível a santa ceia, mas não esgotar o conhecimento a respeito.

Entre mais de vinte filmes existentes, o artigo se detém em analisar *O Rei dos Reis* de 1927, do cineasta americano Cecil Blount DeMille; *Jesus de Nazaré* de 1977, do cineasta italiano Gianfranco Corsi Zeffirelli e *Paixão de Cristo* de 2004, do ator e cineasta americano Mel Gibson. Sabendo que a filmografia sobre Jesus não se finda, a pretensão é tratar os filmes citados por suas produções e objetivos distintos.

O terceiro e último eixo a ser tratado, a teologia do Cristo crucificado, tem por finalidade distinguir dos outros anteriores através da análise do teólogo luterano, Jürgen Moltmann em seu livro *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*.

---

<sup>2</sup> Nos tempos atuais, países de jurisprudência islâmica, efetuam pena de morte com base na sharia, utilizando métodos medievais como cortar a cabeça, mão ou quantidade de açoites conforme o crime cometido.

É possível perceber conexões entre os dois eixos merecendo análises comparadas com a teologia, de onde se tem a explicação do Jesus de Nazaré ter sofrido a penalização na cruz. Os autores investigados para a análise teológica construíram suas explicações do Cristo crucificado perpassando pelo exame histórico, em comparação ao sofrimento humano e as demais teologias advindas do Cristo na cruz.

O objetivo do artigo não é explanar um dos quatro evangelhos, mas comentar sobre a crucificação sob o aspecto teológico dos autores acima citados. Nos quatro evangelhos há dissimilaridades entre eles, mas não aplica divergência tal que se torna uma lenda: "... o que os evangelistas planejaram e transmitiram por meio de seus escritos não é mistério ininteligível. A maior parte de suas palavras e sentenças faz sentido e a história não é complicada" (BROWN, 2011, p.40). A fé cristã emana seu ápice na ressurreição de Cristo que passa pela morte no calvário pendurado numa cruz. Sem a morte não haveria ressurreição e não compreenderia a dimensão divina sob o aspecto humano do filho de José e Maria.

Entre as três pessoas da trindade, é o Filho, o verbo que se fez carne, que aceitou humildemente a condenação da cruz. A crucificação de Jesus foi um ato de amor, o que parece contraditório, mas é alcançado quando a teologia está presente e expõe a natureza divina e não desalinha com a história, pois é factual.

A cristologia fílmica não contrapõe à teologia, mas é limitada pela produção de sua época e por sua narrativa em curto tempo de apresentação, se detendo a algumas horas de filme. As particularidades de um filme não podem servir de construção terminada e definida sobre Jesus, todavia, ajuda a multiplicar a mensagem em diversos contextos culturais. A teologia tem o papel de sedimentar para que e por quem Cristo morreu, dando significado ao Jesus divino, o escolhido para a missão salvífica da humanidade.

## **1. Crucificação Histórica**

O Jesus homem é estudado na história, sem comprometimentos se confirmam ou não a proposta teológica da obra salvífica, mas seu papel é não é refutá-la. A história tem os métodos científicos de explicar a existência do filho de José e Maria, através de fontes que corroborem com a pesquisa.

Os métodos mais eficazes da pesquisa histórica passam pelas seguintes construções: em um primeiro momento a separação e análise desconectada do contexto histórico e dos textos dos evangelhos, pois estes não são textos históricos e sim religiosos, um não pode exercer influência sobre o outro; o estudo do contexto com método tripartido entre antropologia, história e arqueologia; por último os textos dos evangelhos.

Partindo do princípio analítico da história, verifica-se a crucificação como um fato de punição existente na época de Jesus. Para o teólogo Bernard Sesboué o cristianismo é histórico: “A referência a vinda de Jesus Cristo faz nos sair de um mito geral, porque este acontecimento é um fato histórico datado na história” (SESBOUÉ, 1999, p.22). Jesus de Nazaré não é assunto novo em pesquisa histórica, mas com novos surgimentos de fontes e mais interesse sobre o tema, historiadores e teólogos procuram esclarecer e entender os métodos de pesquisa que cada área se propõe. Entre os teólogos, um dos primeiros pesquisadores a refletir sobre o Jesus histórico foi o alemão Hermann Samuel Reimarus (1694-1768). Em seu entendimento deve-se afastar de um Jesus religioso, o Cristo da Fé, para o libertador político da linha messiânica davídica.

O segundo autor na busca do Jesus histórico é Albert Schweitzer (1875-1965), teólogo luterano, médico e missionário, afirmou que o Jesus multifacetado como sábio, modelo de ser humano, mestre racional “o Jesus de Nazaré da teologia liberal”, nunca existiu. Para Schweitzer seria um Jesus concebido pelo racionalismo, vestido de uma teologia com aparência histórica.

Tais afirmações fizeram com que pesquisas sobre o Jesus histórico perdesse o interesse por aproximadamente cinquenta anos, tanto para teólogos como historiadores.

O terceiro, Rudolf Bultmann (1884-1976) teólogo luterano alemão, assim como Schweitzer, acreditava que as fontes sobre Jesus são de cunho teológico e não para estudo do Jesus histórico, em que não deve figurar apenas o homem do passado, mas o Cristo presente e ressurreto. O quarto teólogo a pensar no Jesus histórico é Ernst Käsemann (1906-1998), discípulo de Bultmann, que em 1953 através do seu escrito *Os Velhos Marburgenses*, propôs a retomada dos estudos sobre o Jesus histórico, entendendo que a abordagem é sobre o mesmo personagem, o histórico e o Cristo da Fé, que se interligam, se não, a fé cristã não poderia se sustentar. Assim a retomada sobre os estudos do Jesus histórico tomou fôlego cooperando com pesquisas apuradas sem precisar contestar o Filho de Deus, o salvador.

Para entender Jesus e sua crucificação é preciso entender as procedências da sentença por morte de cruz. Sob uma condenação de crimes como: incitação à rebelião, traição de segredos, assassinato, magia, entre outros, a crucificação servia como penalidade máxima aplicada aos criminosos entre culturas persa, judaica, grega e cartaginesa (CHEVITARESE, 2023, p.139). A sentença física incluía o apagamento do indivíduo, era lançado ao esquecimento, alguém sem valor, destinado à sua ignomínia. Tal condição também se relacionava as poucas vestes, quase nu, na cruz, tornando claro que o punido receberia todo o tipo de desprezo e o desfecho final da sua morte era não ter sepultura, sendo retirado da cruz para ser comido por aves de rapina e seus ossos lançados em vala comum. Ou seja, o criminoso deixa de ser alguém com alma sem qualquer dignidade em que a punição da crucificação é seu total aniquilamento, um quase ser que nunca existiu. Mesmo com tal anulação, a sentença era considerada justa. Algo de relevante na questão social, é que raramente um cidadão de posses era condenado à crucificação; era destino das classes mais baixas.

Entre crucificação de anônimos, Jesus de Nazaré tornou-se o mais pesquisado entre os historiadores, pois sua identidade não é de um homem comum, é revelada, portanto, não é apagada como os demais. Sendo a crucificação uma forma de anulação, ao pesquisar o Jesus histórico, o estudo sobre a crucificação passou a ter maiores contornos e saber quem é aquele de quem os evangelhos mencionam.

Um dado significativo é que a condenação na cruz não tinha julgamento e com Jesus aconteceu o mesmo. Porém, a condenação passou pelo repúdio que muitos tiveram por suas práticas religiosas, atos taumatúrgicos no dia de sábado, por se dizer filho de Deus, perdoar pecados e destruição do templo em três dias. Os dados históricos estão nos evangelhos, mas a narrativa contida tem cunho teológico, o que se tenta explicar historicamente é o tipo de condenação da época do Império Romano, no qual Jesus de Nazaré sofreu o castigo. O estudo da crucificação pode ser histórica e chegar a teológica; não supõe a divergência entre ambos os tipos de pesquisa, uma sedimenta a outra. Estuda-se o Filho de Deus crucificado dentro de um tempo histórico em que havia a punição, e não uma exclusividade aplicada apenas à Jesus. Sendo assim, condenado sem julgamento, com poucas vestes, pendurado até completar a morte na cruz, em lugar alto, foi o destino de muitos penalizados.

A crucificação de Jesus, tem um elemento particular, seu corpo foi solicitado por José de Arimateia para colocar em tumba própria, pois os crucificados não tinham direito a uma sepultura. André Chevitarese em seu artigo “Crucificação no Império Romano e a morte de Jesus: um ensaio” sobre a crucificação de Jesus, menciona a documentação produzida por Flávio Josefo (Autobiografia 420-421) ao retornar da batalha e avistar entre os prisioneiros três de seus conhecidos, solicitou ao futuro imperador Tito que os livrassem da crucificação: “Josefo sabia bem quem era poderoso na sociedade imperial romana; ele sabia exatamente a quem procurar quando precisasse de ajuda, fosse para si ou para algum dos seus amigos: Tito, o filho do imperador Vespasiano e futuro imperador de Roma.” (2023, p.45).

José de Arimateia de forma semelhante a Josefo, poderia requerer o corpo de um conhecido, como narra o texto de Marcos 15:42-45:

E, já chegada a tarde, sendo dia de Preparação, isto é, a véspera de sábado, veio, José de Arimateia, ilustre membro do Conselho, que também esperava o Reino de Deus. E ousando entrar onde estava Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos ficou admirado de que Ele já estivesse morto, e, chamando o centurião, perguntou-lhe se fazia muito tempo que morrera. Informado pelo centurião, cedeu o cadáver a José.

A particularidade deste momento, tem na cadência histórica o que a teologia vai explicar com o momento central depois da morte de Jesus, a ressurreição. Se Jesus sofresse a mesma sina que qualquer crucificado em ter o seu corpo exposto para comida de animais e ossos jogados em vala comum, a ressurreição teria implicações mais difíceis tanto na história como na teologia. A crucificação de Jesus seguiu dentro do esquema histórico da época, até mesmo ser sepultado em tumba emprestada requerida por um homem de influência.

## **2. Crucificação no Cinema**

As obras fílmicas sobre Jesus datam desde 1896 e passaram por diversas mudanças na introdução de detalhes mais violentos da crucificação. A escolha tratada neste artigo pretende trabalhar três filmes e como a temática da crucificação foi elaborada. Dos filmes sobre personagens religiosos, a história de Jesus é a que exerce maior fascínio na produção para as telas do cinema. A sétima arte consegue penetrar em diversos públicos em todo mundo. À medida que as produções fílmicas foram sofisticadas, os cineastas passaram a ter mais interesse em produzi-las com efeitos visuais a fim de prender a atenção do espectador.

Hollywood conseguiu um grande feito no século vinte, produzir milhares de filmes e vender para cinemas de todas as partes do mundo. Entretanto, no início as filmagens passaram por rigorosas leis em alguns países. Em 1912 fez surgir na Grã-Bretanha a British Board of Films Censors, com objetivo de proibir a entrada de filmes com excesso de exposições de crueldade e nudez. Alguns itens, entre os quarenta e três da lei, proibiam: tratamento irreverente de assuntos religiosos; exibição de sangramentos em profusão; cenas de mortes cruéis e estrangulamentos e materialização da figura convencional de Cristo.

Como a Inglaterra era um grande mercado para os Estados Unidos, muitos filmes eram obrigados a mudar as cenas e sobre Jesus no momento da crucificação não podiam apresentar violência extrema (VICO, 2009, p.115). Se os filmes sobre Jesus passavam por censura, como assegurar a veracidade das cenas que só podiam se basear nas Escrituras ou algum texto histórico? Se a produção cinematográfica omite cenas que possa refletir de forma mais segura o que de fato Jesus viveu, considera-se que a arte, apesar de sua capacidade de atingir um enorme público e transmitir o gosto pela vida de Jesus, não assegura o propósito teológico ou mesmo se os fatos são fidedignos. Todavia, aproxima o espectador de Jesus, principalmente nas cenas da crucificação, em que é possível sentir a dor e angústia nos quais Jesus vivenciou. A arte da interpretação consegue tocar em quem assiste, desencadeando sorrisos ou lágrimas.

O filme Rei dos Reis de Cecil Blount DeMille de 1927, foi o mais importante e conhecido sobre Jesus no período do cinema mudo, com duração de duas horas e trinta e sete minutos. As cenas da crucificação não mostram tanta violência, mas deixa exposto o sofrimento de Jesus.



Cenas que se destacam na crucificação: a multidão gritando crucifica-o; enquanto carregava a cruz uma mãe traz seu filho e Jesus abençoa a criança; as cenas são indicadas por trechos bíblicos; o formato da cruz de Jesus e dos dois ladrões crucificados ao seu lado são diferentes; a mãe de um dos ladrões surge em prantos ao ver o filho na cruz e quando Jesus expira há um forte terremoto. Respeitando as proibições da época, a violência contra Jesus não é tão exposta e o filme em preto e branco traz menos terror aos espectadores. [3] Contudo, o terremoto é a cena mais chocante de todo filme.

O filme Jesus de Nazaré de 1977, de Franco Zeffirelli, colorido e o mais longo, aproximadamente cinco horas de duração, se tornou um dos mais assistidos até então. Cenas importantes da crucificação são: a cruz carregada por Jesus é presa nos braços; a multidão a favor e contra Jesus; os dois ladrões ao seu lado; Maria, sua mãe, chora intensamente aos pés de Jesus; Isaías 53 é narrado por Nicodemus; debaixo de chuva intensa, o corpo de Jesus é retirado da cruz e levado pela família. As cenas são comoventes e os espectadores se sentem mais próximos da realidade do sofrimento de Cristo. O cineasta soube explorar esta identificação com o público gerando comoção. As leis proibitivas de 1912 da Grã-Bretanha contra cenas de extrema violência não são mais aplicadas, então, o castigo de Jesus é exposto, principalmente, no aspecto do físico abatido e com marcas das chicotadas.

O terceiro filme é Paixão de Cristo de 2004 do ator e diretor Mel Gibson. Diferente dos outros dois filmes, este explora a violência mais brutal da crucificação. Movido pelo cinema da época de cenas fortes e inúmeros filmes de violência, jamais teria sido filmado no período da proibição da materialização convencional de Cristo.

---

<sup>3</sup> A cena da ressurreição é a única parte do filme colorida.

Entre as cenas em que Cristo sofre fisicamente estão: as muitas chicotadas dilacerando suas costas; carrega a cruz em seu ombro; rosto desfigurado com olhos inchados; corpo ensanguentado; Jesus com aparência de profundo esgotamento; ele cai seis vezes e quando é colocado na cruz há um desequilíbrio e ele pendurado, cai a cinco centímetros do chão. A cena é impactante e para quem assiste se sente extenuado emocionalmente de tanta violência sofrida por Jesus.

As obras filmicas acima citadas conseguiram atrair um grande público para o cinema e provocar compaixão, tristeza e misericórdia por Jesus. Os filmes ultrapassaram a grande tela e chegaram as tv's, streaming e plataformas de vídeos como o youtube, portanto, alcançam um grande público. Através da filmografia sobre o homem Jesus, o espectador pode se sentir próximo a ele, efetivando ou não em se tornar cristão. Caso opte por renovar sua vida cristã, seus atos terão mais significados e se permitirá reforçar a forma mística da fé. Como resultado, o senso de sagrado pode levar a preponderância sacramental da santa ceia, ao invés de se perder nos embalos da vida secular e de constantes provocações das incertezas humanas de seu tempo. Todavia, o propósito dos filmes em ensinar o real significado da vida de Cristo, sua morte e ressurreição se mostra bastante limitado, não conseguindo alcançar o objetivo teológico da crucificação. Estão disponíveis para qualquer público, mas se depender do cinema para levar à compreensão do Filho de Deus revelado em sua dor pelos pecados da humanidade, não conseguem cumprir cabalmente este papel. Os filmes não ensinam teologia e não explicam a dimensão religiosa do fundador da Igreja.

Pretende-se com isso explicar que o papel da teologia através do ensino é o que de fato faz Jesus permanecer no cenário de todas as épocas e compreendido em sua essência, objetivando o ser humano entender a razão pela qual Cristo morreu pelos pecados.

A cinematografia passou por questões proibitivas, usou novas tecnologias e experimentou a potencialidade do entretenimento. Se tratando da pessoa de Jesus Cristo com sua história, humanidade e divindade, as cenas imagéticas foram aperfeiçoadas; a crucificação não depende se a imagem é preta e branca ou colorida, com muita ou pouca violência, o fato aconteceu e aponta para a redenção dos pecados: “Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores (Rm 5:8).” Com isso, as obras fílmicas ajudam a encenar o que está escrito, mas não explica a Paixão de Cristo teologicamente.

### **3.A teologia da crucificação**

O tema teológico crucificação ainda merece espaço de discussão e novas abordagens, por ser o elemento rico do cristianismo culminando na ressurreição de Jesus. Para uma análise comparada sobre o assunto, alguns teólogos dedicaram suas pesquisas exegéticas e análise dos quatro Evangelhos com suas especificidades e a opção para este artigo é o estudo pastoral, primando pelo teólogo luterano alemão Jürgen Moltmann.

O teólogo Jürgen Moltmann foi prisioneiro na II Guerra Mundial, o que levou a repensar e escrever sobre o sentido do Cristo crucificado para quem viveu os horrores da guerra. Através de seu livro *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*, Jürgen apresenta o pano de fundo histórico e como abrange a teologia da cruz. Na abordagem sobre o Jesus histórico, o teólogo explica que os dilemas do iluminismo sagrando a jesulogia ao teor histórico, provocou na teologia o ceticismo à importância de se estudar a história de Jesus. Se a teologia se preocupar apenas com o Jesus ressurreto, pode cair na rede de um ser mitológico. Jesus homem foi alguém do seu tempo, com trajetória constituída, ou seja, é um ser histórico. Mas como Moltmann define, um não anula o outro, podem dialogar, e uma das diferenças que as cercam são os métodos científicos para cada pesquisa; a da histórica foi apresentada no item anterior.

Como sua abordagem primou pelo teológico, ele traz o seguinte esclarecimento:

A compreensão da morte de Jesus à luz da sua vida parece ser apenas uma tarefa histórica. A interpretação da fé cristã pascal parece ser uma mera tarefa teológica. Nós, ao contrário, vamos tentar lidar com a tarefa histórica da apresentação da morte de Jesus no contexto de sua vida como tarefa teológica, pois sua vida, proclamação e atuação, assim como sua morte, foram determinadas teologicamente em seu próprio sentido” (2011, pp;146147)

O teólogo afirma que a morte de Cristo não é apenas cumprir com o que está escrito no Antigo Testamento, ele morreu por desafiar poderes expondo à luz discrepâncias da religiosidade comparada à proposta sublime de Deus, entregar seu Filho por amor a nós. Cristo morreu por enfrentar a sociedade da época; não se atrelar com os poderosos, [3] pois era *persona non grata* para políticos romanos e religiosos judeus; por aborrecer o mundo tenebroso e andar com a plebe. Entender a crucificação é saber que este evento é o critério inerente à igreja e a teologia, ou seja, o Cristo crucificado é nosso alicerce. Hoje presencia-se em alguns atos litúrgicos o costume de não colocar a cruz no centro da fé cristã e da teologia, contudo, para compreender o crucificado à luz e contexto da sua ressurreição, não se pode desviar deste fato e torná-lo pesado demais à comunidade cristã. Sem o Cristo crucificado não existe o ressurreto e não haveria motivo para celebrar o sacramento eucarístico.

Deve-se atentar, por mais que sua morte fosse histórica, Jesus, o servo sofredor narrado em Isaías 53, cumpriu o plano de Deus em redimir o pecador. Deus não interferiu no demasiado absurdo de condenados serem crucificados e por conseguinte, seu Filho; seu plano considerou a morte causada pelo contexto da época. Apesar da forma política de condenação romana, Jesus entregou sua vida: “Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente” (Jo 10: 17 e 18a).

#### 43

---

<sup>3</sup> Conforme a narrativa bíblica quando Jesus nasceu, o rei Herodes, o Grande, solicitou que os três magos depois de visitarem Jesus passassem para avisá-lo, mas eles preferiram retornar por outro caminho. Então, Herodes determinou o massacre de meninos até dois anos de idade, temendo que entre eles estivesse o adversário para ocupar sua posição no Império Romano. (Mateus 2:1-16).

O plano divino está ali, na dor, no sofrimento, na morte sem culpa, em que Deus está presente trazendo sentido escatológico, mas que precisou de uma época para acontecer. Assim como Moltmann, Leonardo Boff concorda que Cristo padeceu sob a violência em não se atrelar com a sociedade de sua época. No gênero literário a crucificação é o relato, a narrativa do fato que se situa dentro da estrutura hermenêutica.

Jesus não provocou sua morte intencionalmente, não forçou uma construção teológica para fins próprios nos obrigando a descrevê-la, “Mas como todo homem justo, estava pronto para sacrificar sua vida, caso fosse necessário, para testemunhar sua verdade” (BOFF, 1977, p.83). Quando pôde se esquivar dos perseguidores, ele o fez, como descrito em Lucas 4:30; João 8:59 e 10:39, momentos em que Jesus escapa de ser apedrejado e jogado do alto de uma colina. No jardim do Getsêmani é o momento da entrega, não escapa, não foge, não enfrenta os soldados, simplesmente deixa que o levem. O testemunho de tudo que fez e ensinou se tornou a prova final na crucificação e após ela a glória da ressurreição. A ressurreição tornou a morte de Cristo pela crucificação mais compreensível, pois reside neste fato o verdadeiro messias. Jesus ser o Cristo, o ungido de Deus, não foi apenas um plano de cumprimento profético, mas escatológico e salvífico.

A morte ainda é um mistério e não desejado por ninguém, mesmo sabendo que ela faz parte da realidade humana. Jesus em profunda angústia enquanto estava em oração no Getsêmani, sabia o que lhe aguardava e desejou não viver aquele momento compartilhando com seus discípulos dizendo: “... ‘Minha alma está triste até a morte. Permaneci aqui e vigiei comigo’. E, indo um pouco adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: ‘Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres’” (Mt 26:38-39). Jesus não fugiu, aceitou o que viria sabendo que era chegada sua hora de morrer.

Não provocou entre seus discípulos um motim para escapar à sentença injusta, simplesmente se entregou. Naturalmente o medo da morte é suficiente para tentar escapar, mas não o fez; a vitória maior viria após ela. Na carta do apóstolo Paulo aos Filipenses no capítulo 2 versos 6-11, ele descreve a teologia da cruz como dor e vitória:

Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobre exaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e para glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor.

A história da crucificação é uma realidade em que Jesus é condenado por blasfêmia, ligada ao fato de não se adequar ao poder romano e a religiosidade judaica. Jesus de Nazaré, filho de José e Maria, é condenado como homem, mas ainda não compreendido como Emanuel, Deus Conosco, revelado somente na ressurreição. A cruz é tema central da fé cristã e por isso a teologia que a compreende não pode ser subestimada. A vida de Jesus leva-o a morte e o pecado da humanidade também. O plano de Deus é executado no pleroma dentro de um contexto em que cumpre o seu querer e Jesus é o salvador.

### **Considerações Finais**

A crucificação é o momento fundamental da fé cristã, pois da morte de Cristo veio a ressurreição. Seja qual for a tentativa de explicá-la, por mais bem intencionada da parte do interlocutor, não consegue exprimir a razão teológica da vinda de Cristo e porque a sua morte tem o significado de resgatar o homem do seu pecado.

A história tem o papel de confirmar a existência de Jesus, mas não pode confirmar milagres e um corpo ressurreto depois de três dias, pois as fontes históricas não comportam tão comprovação. Também não pode provar que a mulher do fluxo de sangue tocou em Jesus e foi curada, ou o cego Bartimeu teve sua visão restituída, ou Lázaro se levantou da tumba depois de quatro dias. A história chega até um ponto, mas não é sua função tocar no transcendente, seu papel se cumpre como ciência humana. A história confirma a pena por crucificação no Império Romano, sendo assim, não é invenção Jesus ter se declarado profeta e perdoador de pecados, entendido como crime aos olhos dos doutores da lei. A crucificação seria a sua punição. A ciência histórica cumpre seu papel de afirmar a existência da crucificação, mas não a sua teologia.

Entre todas as artes que servem como entretenimento, mas possuem a lógica de alertar, despertar, tratar assuntos históricos, o cinema é um dos mais apreciados. Centenas de obras literárias foram levadas para tela, mas nunca conseguiram reproduzir a completude de um livro. Os filmes também são limitados por suas produções exageradas ou de receberem pouco patrocínio; de leis que impedem filmagens a serem apresentadas em países de perseguição religiosa aos cristãos e dos cineastas acrescentarem compostos ideológicos, culturais e sociais retratando as cenas com suas percepções artísticas.

O cinema é atraente e de alguma forma traz as narrativas de uma linguagem de difícil compreensão para um grande público e a torna inteligível. Ao tratar da crucificação o objetivo é mostrar as possibilidades deste evento de várias maneiras, provocando nos espectadores o confronto de seu distanciamento de Deus ou gerar interesse em se tornar cristão. Porém, deixará esse indivíduo incompleto, se este não buscar o real significado da cruz. É um recurso evangelístico e missionário, mas precisa de alguém que explique as entrelinhas, discipule os ouvintes e os faça conhecer de perto o Cristo crucificado.

Muitas vezes é o cinema que se aproxima mais das pessoas, e com as novas plataformas de streaming, faz chegar a milhares delas. No entanto, o cinema não vai explicar o que cabe a teologia. O papel teológico, não apenas de grandes teólogos falando entre seus pares, é tornar acessível o momento e o significado da crucificação. Num mundo de mudanças aceleradas, o teológico pode sofrer abstrações, como pautou o teólogo Benedito Ferraro sobre a sociedade atual, que disputa com as novidades tecnológicas e mágica do entretenimento, podendo diluir temas cruciais da teologia. Cristãos evangélicos brasileiros, no que diz respeito aos sacramentos e histórias bíblicas, têm se pautado em novelas e séries, construindo assim seus saberes teológicos. Em muitas comunidades evangélicas, a crucificação não é mais tema central das pregações dominicais e o sacramento da santa ceia é de acordo com interpretação de seus líderes, causando desníveis de um entendimento mínimo sobre o Jesus crucificado. Como resultado, teologismos não bíblicos são cada vez mais presentes.

A teologia da crucificação é por obrigação o ensino, abstração e explicação sólidos do sofrimento de Jesus no calvário até seu auge com a ressurreição. Na teologia o indivíduo que busca razão pela sua existência encontra no significado da morte de Jesus que a vida não acaba ali; a ressurreição é a vitória sobre a morte. A teologia expõe detalhes da razão do Cristo crucificado e conduz o ouvinte a tomar uma decisão de viver com Cristo, e principalmente, crer que ele é o remidor dos pecados, que além de ter sofrido dentro de contexto político e social de seu tempo na Palestina, não é apenas um cumprimento histórico, factual, é o Filho de Deus que tira o pecado do mundo; o escolhido do Pai para nossa salvação. Jesus é o único fundador de religião que morre por amor a todos e pede perdão a Deus pelos seus algozes, pois eles não sabiam o que estavam fazendo; é o ápice do seu messianismo (Lc 23:34).



Existe convergências entre a história, cinematografia e teologia. As três exercem funções de retratar a existência e história de Jesus. A divergência se aplica na limitação em explicar o tempo do pleroma, da vinda de Jesus ter aparecido exatamente naquela época romana e não se deter em apenas uma arte ou fontes históricas documentais. Explicar a crucificação é por excelência mostrar o Cristo vivo, e para sempre.

## Referências

ALLEN, David. **A Expição**: um estudo bíblico-teológico e histórico da cruz de Cristo. Natal-RN: Carisma, 2020.

ALLEN, David. **Por Quem Cristo Morreu?**: uma análise crítica sobre a extensão da expiação. Natal-RN: Carisma, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Ed. Paulinas, 1996.

BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo, Paixão do Mundo**: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje. Petrópolis: Vozes, 1977.

BROWN, Raymond E. **A Morte do Messias**: comentário das narrativas da paixão nos quatro Evangelhos. São Paulo: Paulinas, v.1, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabrielle e SELVATICI, Mônica. **Jesus de Nazaré**: uma outra história. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

CHEVITARESE, André, DIREITO, Carlos Gustavo Vianna e JUSTI, Daniel Brasil. **Crucificação no Império Romano e a morte de Jesus**: um ensaio. **Revista Eletrônica Trilhas da História**, UFMS, v.12, n.24, 2023. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/18656>. Acesso em: 16 maio 2024.

FERRARO, Benedito. **A Significação Política e Teológica da Morte de Jesus**: a luz do Novo Testamento. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.

MENEGHELLO, Javier Ignacio Celedón. **Teologia e a Imagem de Jesus no Cinema**: um diálogo pendente no Brasil. Pensar, Faje, Belo Horizonte, v.7, n.2, pp.189-202, 2016. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3647>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MIER, Francisco de. **Teología de La Cruz**: trípticos de las riquezas de la pasión. Madrid-ES: San Pablo, 1996.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André-SP: Academia Cristã, 2011.

SESBOUÉ, Bernard. ***Pensar e Viver a Fé no Terceiro Milênio***: convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra, Portugal: Gráfica de Coimbra, 1999.

STOTT, John. ***A Cruz de Cristo***. São Paulo: Vida, 1999.

VADICO, Luis. ***O Campo do Filme Religioso***: cinema, religião e sociedade. JundiaíSP: Paco Editorial, 2015.

VADICO, Luis. ***Jesus Cristo no Cinema***: a importância do espetacular! O Rei dos Reis, Cecil B. DeMille, 1927. São Paulo: A Lápis, 2009.

VIGANÒ, Dario Edoardo. *As Faces de Jesus no Cinema*: histórias da história de Jesus, contemporânea *Figurae Christi*. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v.41, n.2, pp.185-199, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/9752/6683>. Acesso em: 28 abr. 2024.

## CIBERCULTURA: A NOVA FRONTEIRA DA MISSÃO DA IGREJA

Leonardo Rodrigues<sup>[1]</sup>

### RESUMO

O artigo “Cibercultura: A nova fronteira da missão da Igreja” analisa de que maneira a igreja cristã pode se adaptar e atuar no contexto da cibercultura, entendida como uma nova realidade social permeada pela tecnologia e comunicação digital. A proposta é refletir como a igreja pode fazer uso das redes sociais de maneira intencional e simultaneamente permanecer alinhada à sua vocação de comunicar o Evangelho sempre a serviço da *Missio Dei* — a missão de Deus. A pesquisa pondera a respeito de uma neutralidade do meio digital, e aborda os desafios e oportunidades para que a igreja transcenda a simples divulgação institucional, direcionando sua presença digital para promover a mensagem cristã em um espaço que é, cada vez mais, um campo missionário virtual. O artigo aborda conceitos do filósofo Pierre Lévy, que define o ciberespaço como um ambiente de potencialidades. Além de ter como base outro teórico referencial, o teólogo David Bosch, que trabalha o conceito da *Missio Dei* e a temática sobre mudanças de paradigma na Teologia da Missão.

**Palavras-chaves:** Missão da Igreja; Cibercultura; Comunicação; Tecnologia; Internet.

### ABSTRACT

The article “Cyberculture: The new frontier of the Church’s mission” examines how the Christian church can adapt and operate within the context of cyberculture, understood as a new social reality shaped by technology and digital communication. The objective is to reflect on how the church can intentionally use social networks while remaining aligned with its vocation to communicate the Gospel, always in service of the *Missio Dei* — the mission of God. The research considers the neutrality of digital media and explores the challenges and opportunities for the church to transcend mere institutional promotion, redirecting its digital presence to advance the Christian message in a space that increasingly serves as a virtual mission field. The article draws on concepts from philosopher Pierre Lévy, who defines cyberspace as an environment of potentialities. It also relies on another key theoretical foundation, theologian David Bosch, who develops the concept of *Missio Dei* and addresses paradigm shifts in Mission Theology.

**Keywords:** Church Mission; Cyberculture; Communication; Technology; Internet.

---

<sup>1</sup> Leonardo Rodrigues é jornalista (MTB 47430), bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo; Atua como professor de Princípios Cristãos no Colégio Batista Internacional de Caraguatatuba (CBIC).

## INTRODUÇÃO

A compreensão de que o evangelho se trata de boas notícias difere de considerá-lo apenas como um conjunto de informações. Por ser notícia é necessário compartilhar. Assim, a comunicação é ao mesmo tempo vocação e necessidade, demanda e disposição. Contudo, se transmitir uma mensagem está como uma das responsabilidades da igreja, é necessário perceber se estamos sendo eficientes e relevantes em tal tarefa. É preciso não se contentar em estar ciente sobre o que falar, mas também saber como comunicar, considerar com quem comunicamos, onde nos comunicamos e ainda examinar se estamos nos fazendo compreender. O que naturalmente, nessa missão, é preciso pesar todos os meios (*mídias*) para alcançar o objetivo da igreja, e obedecer às palavras de Jesus: “*Vão pelo mundo inteiro e anunciem as boas-novas a todos*” (BÍBLIA, Marcos 16:15, 1993). Este artigo é desenvolvido de modo comparativo entre uma visão filosófica, do sociólogo francês Pierre Lévy, com uma bibliografia de cosmovisão cristã, tanto da tecnologia como também da Teologia da Missão. Como referencial teórico missiológico, é apresentado o teólogo David Bosch, com sua obra “*Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*”[2] , que explora a evolução do entendimento e da prática missionária cristã.

Temos a disposição diversos meios e plataformas para a expressão da igreja, que podem anunciar mais que eventos, pedidos, e a programação da instituição. Antes, podem servir como ferramentas em potencial para a *Missio Dei*[3] .

---

2 *Missão Transformadora – Mudanças de paradigma na teologia da missão*. Ed. Sinodal, 2002.

3 *Missio Dei* é uma expressão latina que significa "missão de Deus". Refere-se ao conceito teológico de que Deus está ativamente envolvido na missão de reconciliação e transformação do mundo, através da ação da Igreja e dos cristãos. Esse conceito enfatiza a responsabilidade dos fiéis em participar da obra divina de salvação e serviço à humanidade.

É preciso uma percepção contemporânea das novas possibilidades a respeito da comunicação da Igreja, diante de uma sociedade cada vez mais conectada, o que o filósofo francês Pierre Lévy considera, em seu livro *Cibercultura*[4] , ser uma nova dimensão da realidade: o ciberespaço.

Um campo fértil para a criação de novos discursos e significados.

Os excessos certamente não devem ser encorajados. Mas dizemos que alguém que lê “permanece horas diante do papel”? Não. Porque as pessoas que leem não estão se relacionando com uma folha de celulose, elas estão em contato com um discurso, uma voz, um universo de significados que elas também contribuem para construir (LÉVY, 1999, p.165).

Vale pensar a missão da Igreja com novos horizontes ao observar a atual realidade de uma cibercultura, e com isso, demonstrar relevância na esfera pública. Na exploração desse novo espaço no virtual, Pierre Lévy destaca não se tratar de uma subcultura, mas uma cibercultura, “correspondendo à globalização concreta das sociedades” (1999, p. 258). A realidade passa a considerar o virtual como uma extensão. Torna-se necessário ponderar se a tecnologia pode ser uma nova fronteira do campo missionário, ainda que por meio de algoritmos, isto é, através de instruções para a realização de uma tarefa. Porém, se faz necessário pesquisar, aprender, e criar estratégias, já que o virtual é um campo em que a Igreja só será relevante se também se tornar preferência pessoal de outros. É preciso a busca consciente por compreender melhor esse paradigma de milhares de pessoas que funcionam mais com conexões virtuais e menos em interações presenciais. O que não significa não serem reais. Os contatos virtuais podem ser considerados verdadeiros, pois acontecem em um espaço virtual/remoto e pessoas estão interagindo. O virtual não é contrário de real, mas oposto de presencial.

---

4 LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Editora 34, 2010.

Ao reconhecer que cada conta de uma igreja em uma rede social não pertence a ela, mas trata-se apenas de concessão de uma empresa (com objetivos particulares) e que pode mudar as regras do uso de sua mídia a qualquer momento, através de alterações em algoritmos, deve surgir a preocupação se o cristão tem feito o melhor uso, ou ainda o mais coerente com sua fé, enquanto lhe é permitido a disponibilidade de estar conectado. Um exemplo é o ocorrido com a rede social 'X', que foi suspensa no Brasil em agosto de 2024, por decisão judicial. Quando aconteceu, milhares de usuários, inclusive igrejas, que tinham perfis nessa rede social perderam o acesso, literalmente, da noite para o dia. O que abre espaço para a reflexão: "Caso tenha sua conta perdida, qual foi o saldo da atuação da igreja nessa plataforma?".

O conceito de *cibercultura*[5] como ambiente com potencial em comunicação abre para a reflexão a respeito da missão de Deus e a cultura dos homens, que se desdobra na necessidade da Igreja por contextualização e comunicação. Esse artigo ainda traz um caráter pastoral, e encontra também sua utilidade no que é descrito por Jim Samra: "Meu trabalho como pastor é ajudar meu povo a pensar de forma bíblica e teológica sobre a tecnologia, para que consiga viver com fidelidade neste mundo tecnológico" (VANHOOZER,2021, p. 97).

Em seu trabalho filosófico, Pierre Lévy conceitua ciberespaço como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Esse termo engloba não apenas a infraestrutura material, mas também o universo de informações que abriga. Cibercultura, por sua vez, refere-se ao conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensar e valores que se desenvolvem com o crescimento do *ciberespaço*.

---

5 Termo usado para descrever a cultura que surge da interação entre as tecnologias de comunicação digital e as práticas sociais.

## EM QUE MUNDO VIVEMOS?

No evangelho de João, no verso 18 do capítulo 17, há o registro da oração de Jesus, onde diz: “Como me enviaste ao mundo, assim eu os enviei ao mundo”. Mas que mundo é esse? Embora seja uma pergunta ampla, certo é que atualmente incorpora o ciberespaço. É preciso a percepção do comportamento humano contemporâneo e sua interação com os meios tecnológicos, e como uma pessoa pode influenciar, e ser influenciado pelo mundo virtual, uma vez que passa diariamente horas conectado.

O relatório de Visão Geral Global Digital[6] publicado em parceria com *We Are Social* e *Meltwater* (duas agências de marketing digital especializadas em mídias sociais com atuação no mundo inteiro), mostra que no início de 2024 o número de usuários conectados a seus celulares era de 5,61 bilhões. Mais de 66% de todas as pessoas na Terra utilizam Internet.

Usuários ativos de mídia social ultrapassaram também a marca de 5 bilhões. O equivalente a 62,3% da população mundial. Esse número impressiona, pois significa que o mundo teve uma média de 8,4 novos usuários de redes sociais por segundo durante o ano passado. Ainda que o número não represente indivíduos únicos, pois alguém pode gerir mais de uma conta, a pesquisa indica que o número de pessoas que utilizam as redes sociais não deve ser muito diferente do total registrado.

Dados da Global Web Index (GWI), empresa de pesquisa de público, revelam que um usuário “típico” gasta em média 2 horas e 23 minutos por dia nas redes sociais. O que equivale a mais de um terço *on-line* diários. Contudo, os números variam em cada país. Vale destacar que esses dados quantificam apenas a atividade de usuários com idades compreendidas entre 16 e os 64 anos, em 53 países – o que representa aproximadamente 87% de todos os utilizadores da Internet no mundo.

---

6 Texto Digital. Relatório de Visão Geral Global Digital 2024 – publicado em parceria com [a Meltwater](#) e [We Are Social](#). Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em 05 set. 2024.



É importante salientar que essas médias apresentadas até aqui, se referem às redes sociais. Se for considerar ainda o tempo que uma pessoa fica conectada na internet esses números aumentam expressivamente. A pesquisa da GWI aponta que o usuário típico da Internet passa em média 6 horas e 40 minutos online todos os dias. Nesse quesito também há diferenças entre países no que diz respeito ao tempo gasto na utilização de tecnologia conectada. Um exemplo são os brasileiros, que ocupam o segundo lugar em tempo online diário, com a média 9 horas e 13 minutos usando a internet. Atrás somente dos sul-africanos que passam em média cerca de 9 horas e 24 minutos por dia conectados.

## **A MISSÃO DA IGREJA**

A atuação missionária da Igreja em sociedade deve apresentar a habilidade de explicar e comunicar sua fé. Isso, independente do tempo ou espaço. David Bosch, teólogo que também foi professor e chefe do Departamento de Missiologia da Universidade da África do Sul, no livro “Missão Transformadora”, presume que a reflexão sobre a missão deve ser um ponto permanente na pauta da teologia.

Bosch supõem ainda que pela natureza da vocação cristã, a igreja é enviada a este mundo em crise, ao mesmo tempo que este envio pode oferecer a oportunidade de “encontrar a possibilidade de ser verdadeiramente a igreja” (2021, p.19). No entendimento e perspectiva de Bosch, a Igreja atua na história em missão, e que adapta suas estratégias e ações de acordo com o contexto histórico vivido por cada igreja local em seu tempo.

“Houve crises profundas e importantes mudanças de paradigma antes. Cada uma delas constituiu o fim de um mundo e o nascimento de outro, no qual boa parte do que as pessoas costumavam pensar e fazer teve de ser redefinida. [...]. Será, ademais, proposto que tal mudança de paradigma não nos confronta – parafraseando Koyama apenas com um perigo, mas também com oportunidades. Em épocas anteriores a igreja reagiu imaginosa e imaginosa a mudanças de paradigma; somos desafiados a fazer o mesmo em relação a nosso tempo e contexto.” (BOSCH, 2021, p. 20 e 21).

O pastor e professor de missiologia Michael Goheen, em seu livro: “*A Missão da Igreja Hoje: a Bíblia, a história e as questões contemporâneas*”, expande a compreensão de missão para além da Geografia. Goheen

segue a orientação de quatro missiologistas holandeses que desejam substituir o ‘paradigma de expansão’ pelo de ‘comunicação’. Missão é a comunicação do evangelho. Já não se entende missão principalmente como a expansão geográfica do cristianismo, mas, sim, como o encargo dado ao povo de Deus em todos os lugares para comunicar as boas-novas não só com palavras, mas também com a vida e ações. Missão é testemunho de vida, palavra e ação. Colocar a “vida” antes da “palavra” e da “ação” é intencional: o evangelho é, antes de mais nada, comunicado na vida dos cristãos, tanto na vida comunal como quando eles estão espalhados pelo mundo (2019, p.22).

Michael Goheen considera que a missão da Igreja é sempre contextual. “A missiologia deve permanecer enraizada no evangelho e na Palavra de Deus. Mas também deve considerar épocas e lugares em que vive. Portanto, a missiologia variará de um lugar para o outro e de uma época para outra” (2019, p.22).

O Movimento de Lausanne publicou “Relatório sobre o Estado da Grande Comissão”<sup>[7]</sup>, no primeiro semestre de 2024, que compartilha percepções de mais de 150 especialistas em missões de diversos países, e admite que a tecnologia digital mudou fundamentalmente o mundo, com o virtual moldando grandes porções da vida. Segundo o próprio documento, “a maior parte do mundo vive agora na era digital. Conexões, influência e ideias originam-se tanto, se não mais, da mídia digital do que das relações pessoais”. O relatório pontua que no último meio século, grande parte do mundo evoluiu de um mundo pré-tela para um mundo saturado de telas. “Os jovens passam mais tempo online do que pessoas de qualquer outra geração. Em geral, o tempo médio diário global de tela é de 6h37min e está aumentando”.

---

<sup>7</sup> Texto digital. Relatório de Status da Grande Comissão. Disponível em <https://lausanne.org/pt-br/report>. Acesso em 05 set. 2024

Estar ciente da cibercultura dá condição de saber como a igreja deve se posicionar. Segundo o pastor Tim Keller, em seu livro “Pregação: Comunicando a fé na era do ceticismo”, as pessoas não compreendem um texto até que vejam como ele se relaciona à sua vida. “Isso significa não apenas informar a mente, mas também capturar o interesse e a imaginação do ouvinte persuadindo-o ao arrependimento e à ação” (KELLER, 2017, p.22).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma dúvida honesta que pode surgir diante de todas as informações e circunstâncias apresentadas, é: Como fazer todas essas coisas acontecerem? Keller faz o exercício de sintetizar no final do primeiro capítulo do livro “Pregação”, o que deve ser percebido na disposição da igreja, como também de todo cristão: “[...] pregamos Cristo. Pregando fielmente o texto e sempre o evangelho, estabelecendo uma conexão com a cultura e alcançando o coração, cooperando com a missão do Espírito no mundo – assim pregamos Cristo em toda a Escritura” (KELLER, 2017, p.24).

No ciberespaço o virtual se apresenta como um potencial ambiente a ser anunciado o evangelho. Na obra “*O que é virtual?*”, Pierre Lévy ressalta: “Antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de aprender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude a virtualização”, (2016, p.12). É o próprio Lévy que sugere algo que a igreja pode acolher e adaptar: “Devemos antes tentar acompanhar e dar sentido à virtualização, inventando ao mesmo tempo uma nova arte da hospitalidade” (LEVI, 2016, p.150).

A comunicação da Igreja não deve significar um departamento. Em uma igreja saudável pressupõe o trabalho pastoral na formação de discípulos que vivem em missão. Cientes que a responsabilidade da comunicação da Igreja não está em potencializar a visibilidade da placa institucional, mas no objetivo de sucesso em anunciar o Evangelho até os confins da *web*.

Do contrário, a igreja pode se tornar apenas encantada pelos meios (*mídias*), porém sem qualquer fim. Apresentar Jesus na cibercultura pode incluir expor a Bíblia como fonte de resposta às dúvidas que afligem a humanidade. Um exemplo que se pode observar foi quando o Estado do Rio Grande do Sul foi atingido por enchentes e alagamentos em maio de 2024. Na ocasião enquanto algumas igrejas se mobilizavam para arrecadar doações à população atingida, outras tantas mantiveram seus meios de comunicação apenas informando horários das atividades da instituição e fotos do último culto. Havia um espaço entre a movimentação para donativos e a vida normal nas redes sociais de igrejas de outras localidades: a população que não fora alcançada pelo Evangelho e que se perguntava onde estava Deus em meio ao caos que atingiu a região sul do Brasil.

A comunidade de fé dos que foram regenerados também possui uma criatividade redimida, que não fica a olhar somente para si. Assim, a *Missio Dei* promove tanto identidade quanto propósito. A igreja deve se expressar com uma mente renovada, um coração obediente, um olhar redimido, e com os pés que anunciam o Evangelho por onde quer que vá, nem que seja a um *click*. Por mais clichê que seja, para que assim a Igreja possa ter uma comunicação com propósito. Temas como tristeza, luto, dor, o mal, o sofrimento, pobreza, e tantos outros, podem servir como portas de entrada à mensagem do Evangelho.

Ao questionar “para onde vai a missão?”, Bosch, assim como esse artigo, não tem como objetivo a crítica ao labor missionário das igrejas, contudo objetiva expandir sua compreensão, avançar suas fronteiras, rever demarcações e oxigenar a visão teológica da missão.

Os críticos da missão geralmente partem da suposição de que missão era apenas o que missionários ocidentais estavam fazendo em termos de salvar almas, implantar igrejas e impor seus métodos e vontades a outros. Jamais podemos, contudo, limitar a missão exclusivamente a esse projeto empírico; ela sempre foi maior do que o empreendimento missionário observável. É claro que tampouco se deve divorciá-la completamente dele.

Antes, missão é *Missio Dei*, que procura englobar em si as *missiones ecclesiae*, os programas missionários da igreja. Não é a igreja que "empreende" a missão; é a *Missio Dei* que constitui a igreja. A missão da igreja precisa ser constantemente renovada e repensada. Missão não equivale a competição com outras religiões, não é atividade de conversão, de expansão da fé, de edificação do reino de Deus; tampouco é atividade social, econômica ou política [...] Ela é a boa nova do amor de Deus, encarnado no testemunho de uma comunidade, em prol do mundo (BOSCH, p.619).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSCH, David J. **Missão Transformadora: Mudanças de paradigmas na Teologia da Missão**. Editora Sinodal: 1998;

GOHEEN, Michael. **A missão da Igreja hoje: a Bíblia, a história e as questões contemporâneas**. 1. ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

KELLER, Timothy. **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KEMP, Simon. **Relatório de Visão Geral Global Digital 2024 – publicado em parceria com a Meltwater e We Are Social**. Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em: 05 set. 2024.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34,1999;

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34,1996;

VANHOOZER, Kevin J. **O pastor como teólogo público**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

## LIDERANDO EM FRENTE AO ESPELHO

Aline de Almeida Braga Ribeiro 1

<https://orcid.org/0009-0000-3888-0582>

### Resumo

Este artigo tem por finalidade abranger e compreender a importância de um líder cristão em se autoavaliar, levando em consideração sua vida e ações do dia a dia. Não existe uma forma mais coerente e transparente de fazê-lo que não seja em frente ao espelho. A autoavaliação é crucial para evitar transtornos pessoais, familiares e para os liderados. A busca contínua por uma vida íntegra diante de Deus deve ser a estrutura central na mente e nas ações decorrentes do líder. Este preparo exige dedicação e firmeza, vida devocional intensa, um amor incondicional pelo próximo e um conhecimento profundo de si, de sua família, de sua igreja e ministério, almejando a santificação em Cristo crendo nos planos perfeitos de Deus para a sua vida. Liderando em frente ao espelho: esta autoavaliação perante Deus é essencial para sanar feridas e renovar forças, transformando o semblante abatido em uma obra-prima divinamente restaurada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autocuidado. Prevenção. Restauração. Liderança. Família. Igreja.

### Abstract

This article aims to cover and understand the importance of a Christian leader in self-evaluating, taking into account his or her life and daily actions. There is no more coherent and transparent way to do this other than in front of the mirror. Self-evaluation is crucial to avoid personal, family and leadership problems. The ongoing search for an upright life before God must be the central structure in the leader's mind and actions. This preparation requires dedication and firmness, an intense devotional life, an unconditional love for others and a deep knowledge of oneself, one's family, one's church and ministry, aiming for sanctification in Christ, believing in God's perfect plans for one's life. Leading in front of the mirror: this self-evaluation before God is essential to heal wounds and renew strength, transforming a downcast countenance into a divinely restored masterpiece.

**KEYWORDS:** Self-care. Prevention. Restoration. Leadership. Family. Church.

---

1 Bacharel em Teologia; Pós-graduada em Aconselhamento e Capelania e Mestre em Teologia Prática pela FABAPAR - Faculdades Batista do Paraná. Gestora do Bem-estar da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira. Casada com Gerson Daminelli Ribeiro e mãe de Camila, Priscila e Isabela.

## **Introdução [2]**

Amor, coragem, disciplina, visão, perseverança, honestidade, capacidade de antecipar os acontecimentos, ser inspirador, ter competência, ser justo, ser aquele que apoia, ter liberalidade, inteligência, franqueza, ter confiabilidade, ser cooperativo, ser imaginativo, ser zeloso e determinado são algumas das características esperadas de um líder. Porém o que diz o espelho quando o líder está diante dele? Que imagem é visualizada?

O líder que se conhece, que reconhece suas forças e fraquezas, está mais preparado para lidar com os desafios da liderança. Maxwell enfatiza que:

*A liderança eficiente resulta daquilo que o líder é. As pessoas se concentram em seus objetivos, dedicando tempo e energia para que eles se cumpram. Todos os líderes desejam resultados, mas ser deve preceder o fazer. Aquilo que você é capaz de fazer como líder vem do que você é. Maxwell (2001, p.162)*

Olhar no espelho, figurativamente ou não, representa um momento de autoanálise, de reflexão sobre o que somos e o que queremos ser. É um exercício de humildade, de reconhecer que não somos perfeitos e que sempre podemos aprender e crescer. A liderança autêntica se baseia na confiança conquistada, na honestidade oferecida e na coerência percebida entre o que se diz e o que se faz.

Liderar com coragem significa ter a ousadia de ser autêntico, de mostrar quem você realmente é, com suas qualidades e seus defeitos. Significa ter a coragem de defender seus valores, de tomar decisões difíceis e de assumir a responsabilidade por seus erros. A coragem é fundamental para o líder que deseja fazer a diferença no mundo, que não se conforma com o status quo e que busca transformar a realidade ao seu redor.



## **1. O que é ser líder?**

Liderança é um conceito multifacetado que vai além de simplesmente ocupar um cargo ou exercer autoridade. Ser líder é, acima de tudo, ser um exemplo a ser seguido, alguém que inspira confiança e que tem a capacidade de influenciar pessoas a trabalharem juntas em prol de objetivos comuns.

O líder é aquela pessoa que tem a capacidade de motivar e inspirar os outros, que transmite entusiasmo e que sabe como extrair o melhor de cada um. É alguém que possui um conjunto de qualidades que o diferenciam, como a coragem para tentar o novo, a automotivação, o senso de justiça, a capacidade de planejamento, a perseverança, a positividade, a empatia, o domínio dos detalhes e a responsabilidade.

Além disso, o líder é aquele que se preocupa em formar novos líderes, que compartilha seus conhecimentos e habilidades com os outros, que investe no desenvolvimento de sua equipe. É alguém que sabe delegar tarefas, que confia em seus colaboradores e que os incentiva a crescer. A liderança se manifesta em diversos contextos, desde a família até o trabalho, passando pela igreja e pela comunidade. Em todos esses espaços, os líderes desempenham um papel fundamental, transmitindo valores, crenças e padrões de comportamento que moldam a cultura de um grupo.

É importante ressaltar que a liderança não é um dom inato, mas sim uma habilidade que pode ser desenvolvida e aprimorada ao longo da vida. O líder que busca o autoconhecimento, que está sempre disposto a aprender e a crescer, que se preocupa em servir aos outros e que age com integridade e coerência, está no caminho certo para se tornar um líder de sucesso.

O líder cristão, em particular, tem um papel ainda mais importante a desempenhar. Além de todas as qualidades mencionadas acima, ele precisa ter uma fé inabalável, um profundo senso de integridade, ética e um compromisso incondicional com os princípios do Evangelho. É chamado a ser um servo, a exemplo de Jesus Cristo, que se humilhou e serviu a todos, mesmo diante da ingratidão e da incompreensão. Ele é chamado a amar os seus liderados, a cuidar deles, a ajudá-los a crescer e a se desenvolver.

O Pastor Ebenézer Soares Ferreira em seu livro “O Perfil do Pastor - Retrato de corpo inteiro” resume:

A cabeça não deve ser oca, os olhos não devem ser maliciosos, o rosto não pode ser hipócrita, os ouvidos não devem ser como o do mercador, a boca não deve ser blandiciosa, as mãos não devem ser porfiadoras, os pés não devem ser vagarosos. (FERREIRA, 1996)

Liderar em frente ao espelho significa ter a coragem de se autoavaliar, de reconhecer as próprias fraquezas e limitações, de pedir perdão pelos erros e de buscar a Deus para que Ele transforme a imagem refletida. É com essa humildade e com essa fé que o líder cristão pode continuar a servir e a influenciar, glorificando o nome do Senhor Jesus e contribuindo para a construção de um mundo mais justo, fraterno e compassivo.

## **2. Liderando a Família: Um Desafio Essencial**

A liderança não se restringe ao ambiente profissional ou religioso. Ela se manifesta em todas as áreas da vida, inclusive na família. O líder que não é exemplo em casa, que não cultiva relacionamentos saudáveis e que não se preocupa com o bem-estar de seus familiares, dificilmente será um líder eficaz em outros contextos.

A família é o primeiro reflexo no espelho que nos confronta com a realidade de quem somos. É ali que aprendemos a amar, a perdoar, a servir e a liderar com humildade e compaixão. A família, como núcleo fundamental da sociedade, tem sido cada vez mais valorizada como um espaço de aprendizado e crescimento. Líderes de diversas áreas, inclusive executivos de sucesso, têm reconhecido a importância de investir tempo e atenção em suas famílias. Se a necessidade de vida em família é reconhecida no mundo secular, ela se torna ainda mais importante no contexto do líder cristão. A igreja valoriza o investimento em famílias, mas muitas vezes se esquece da família do líder, que sofre pressões e cobranças excessivas.

Colin Buckland, em seu livro "Líder de Carne e Osso", relata a história de um pastor que teve sua privacidade invadida pela igreja, sendo criticado por aspectos corriqueiros de sua vida pessoal. Essa história ilustra a dificuldade enfrentada por muitas famílias de líderes, que sentem como se estivessem em um aquário, constantemente observadas e julgadas.

Cuide muito bem do seu tempo livre. Esses momentos são como diamantes não lapidados. Despreze-os, e seu valor nunca será conhecido. Melhore-os, e eles se tornarão as mais brilhantes joias de uma vida útil. Ralph Waldo Emerson citado por Shook,(2008, p.89)

Em uma pesquisa realizada pela Professora Nancy Dusilek junto a um grupo de mulheres que se voluntariaram para responder às perguntas, encontrou respostas muito enfáticas que reforçam os problemas vividos por elas junto ao ministério de seus maridos.

Quais as suas frustrações e tristezas? “Ver o filho fora do caminho do Senhor, ver a injustiça que acontece, julgamento severo sobre a família pastoral, falta de amigas, alvo do diabo, injustiça”. “Não ver frutos, revolta dos filhos quando somos culpados de tudo, quando não ouço as respostas de Deus”. “Lobos com pele de ovelhas, esperam que o pastor faça tudo, traição dos membros e dos colegas, filhos afastados e explorados pela comunidade”. “A família não ser amada, ingratidão, jugo severo sobre toda a família”. (DUSILEK, 2008)

As esposas de líderes expressam a necessidade de ter tempo para falar com seus maridos sobre suas preocupações, de se sentirem amadas e inseridas no ministério, de terem amizades sinceras dentro da igreja e de contarem com grupos de apoio. Os filhos dos líderes também sofrem com a falta de tempo dos pais, com a cobrança excessiva e com a necessidade de dividir a atenção dos pais com a igreja. É crucial que o líder não se esqueça das necessidades de sua família, como privacidade, tempo, refrigério, calor humano e amor e de ter momentos inesquecíveis investidos no crescimento de todos.

Diante desse cenário, é fundamental que os líderes cristãos reconheçam a importância de cuidar de suas famílias. É preciso estabelecer limites claros entre a vida pessoal e o ministério, evitar que a agenda da igreja interfira na liberdade da família e buscar ajuda profissional quando necessário. É preciso ter coragem para assumir as dificuldades enfrentadas em casa, pedir perdão pelos erros e buscar a Deus para que ele transforme a sua imagem diante da família, restaurando traços perdidos e os renovando.

Liderar a família é um desafio complexo, mas essencial. Requer tempo, dedicação, amor, compreensão e, acima de tudo, a busca por Deus e a disposição de seguir seus princípios. Ao investir na família, o líder estará construindo um alicerce sólido para a sua vida pessoal e também para o crescimento de seu ministério.

### **3. Liderando a Igreja: Um Chamado à Integridade e à Dependência de Deus**

A palavra "igreja" possui diversos significados, mas, no contexto bíblico, refere-se a um grupo de pessoas chamadas para fora do pecado e unidas para servir a Deus. A igreja não é um edifício, mas sim um corpo de "pedras vivas" que, juntas, formam um templo espiritual (1 Pedro 2:5; Efésios 2:19-22). Liderar uma igreja é um desafio e uma dádiva. O líder é chamado a guiar e pastorear vidas em transformação, pessoas com diferentes necessidades e características.

A liderança da igreja exige integridade. Integridade, do latim "*integritate*", significa a qualidade de ser íntegro, de ter conduta reta, honra, ética e imparcialidade. É ser verdadeiro consigo mesmo e com Deus em todas as áreas da vida. John Maxwell (2007, p. 95) afirma que "*Uma personalidade carismática atrai pessoas; somente a integridade as mantém*". A integridade é fundamental para o líder da igreja, pois ela garante a confiança e o respeito dos membros. Daniel é um exemplo de líder íntegro (Daniel 6:3). Sua conduta, princípios morais, confiabilidade, fidelidade e convicção em servir a Deus o destacaram e o levaram a ser reconhecido por sua excelência.

A integridade não é apenas uma imagem, mas sim uma realidade que se manifesta quando a vida pessoal do líder está em harmonia com sua imagem pública. É ser quem você é quando ninguém está olhando (SHOOK, 2008, p.195).

1 Coríntios 29:17 nos lembra: "*Sei, ó meu Deus, que sondas o meu coração e que te agradas com a integridade.*" Essa passagem deve ser uma constante meditação para o líder que deseja se ver no espelho com a consciência limpa. A caminhada do líder da igreja pode ser solitária, com muitas decisões a serem tomadas e expectativas a serem atendidas. No entanto, o socorro vem de Deus, que é o nosso pastor e socorro presente no dia da angústia (Salmos 121).

Lucado (1995, p. 40) nos lembra que, quando nos sentimos perdidos e desesperançosos, Deus entra em cena para nos guiar, refrigerar a nossa alma e nos dar uma nova perspectiva.

Ele é a pessoa perfeita para nos conduzir para fora da "selva" e nos mostrar o caminho. Portanto, não deixe de olhar no espelho todos os dias. Sua igreja precisa de um líder que seja reflexo de Cristo, íntegro, dependente de Deus e que busque a cada dia a renovação do amor e da esperança.

Olhar no espelho, para um líder, vai muito além da aparência física. É um ato de reflexão espiritual e emocional, um momento de prestar contas a Deus de sua imagem e de sua conduta. Max Lucado, em seu livro "Aliviando Bagagens", nos convida a aliviar o peso da bagagem emocional que carregamos, para que possamos nos ver no espelho com mais clareza:

Entre o primeiro passo ao sair da cama e o último passo ao sair pela porta, você agarrou alguma bagagem. Você caminhou até a esteira rolante e agarrou a carga. Não se lembra? É porque você fez sem pensar. Não se lembra de ter visto o terminal de bagagem? É porque a esteira não é aquela do aeroporto; é a da mente. E as malas que carregamos não são feitas de couro; são feitas de encargos. A valise de culpa. Um saco de desgosto. Você acomoda a grossa sacola de fadiga sobre um ombro, e pendura a bolsa de aflição no outro. Adiciona uma mochila de dúvidas, mais a mala postal noturna de solidão, e um baú de temores. Logo você estará arrastando mais trastes que um carregador. Não admira que você esteja tão cansado ao final do dia. Puxar bagagem é exaustivo. Arrie a carga. Você está carregando pesos que não tem de suportar. (LUCADO, 1995, p.06)

O convite de Jesus para "*Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei*" (Mateus 11.28) é um bálsamo para o líder que deseja se ver no espelho sem o fardo do pecado e das preocupações. Para que a imagem do líder seja limpa e nítida aos olhos de Deus, algumas atribuições devem fazer parte de sua vida:

**SANTIDADE** - Como Isaías, o líder deve buscar a transformação que Deus opera em nós, reconhecendo sua natureza pecaminosa e buscando a santidade que o próprio Deus exige: "*Sede santos, porque eu sou santo*" (I Pedro 1:16).

**SABEDORIA** - Usando a razão e a experiência, o líder deve colocar a sabedoria em ação, com prontidão e perseverança, como Daniel.

**FÉ** - "*Sem fé é impossível agradar a Deus*" (Hebreus 11:6). O líder deve crer no impossível, para que aqueles que o seguem vejam em quem ele crê.

**AMOR** - O líder não busca seus próprios interesses, mas o bem-estar da comunidade. Ele ama sem distinção e se doa por completo à obra que lhe foi designada.

Ao olhar no espelho, o líder deve observar se sua imagem reflete santidade, fé, amor e sabedoria, ou se ainda mostra apenas o seu "eu" egoísta. Deus espera que o líder tenha a coragem de reconhecer suas falhas e pedir a Ele que faça os retoques necessários, pois *"Para Deus tudo é possível"* (Mateus 19:26). II Timóteo 2:15-19 nos exorta a *"Procurar apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade"* e a evitar os falatórios profanos.

O líder deve ter uma imagem limpa e nítida no espelho, e para isso é necessário esforço, sacrifício e fidelidade. Jesus Cristo, o único perfeito, é o modelo a ser seguido nesse processo de santificação. Filipenses 2:15 nos lembra que devemos ser *"irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis, no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo"*.

A Bíblia é o alimento da vida do líder, onde ele encontra as respostas para ter a coragem de se ver no espelho todos os dias. Líderes segundo a vontade de Deus são homens que sabem de onde vem a sabedoria e a buscam constantemente. Ao olhar para o espelho, o líder pode ver o processo contínuo de santificação, com traços de amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio, retocados pelas mãos de Deus. Com coragem e humildade, prontos para o serviço, e, se necessário for, procurar ajuda de um profissional e o acompanhamento de um mentor.

O líder precisa admitir que é humano, que se cansa e que precisa de cuidado e abrigo. Admitir que precisa de ajuda não é uma vergonha, mas sim um reconhecimento de suas fragilidades e um desejo de se fortalecer para continuar liderando com coragem e desempenho.

#### **4. Liderando em Frente ao Espelho, um Chamado à Santificação.**

O espelho reflete o que muitas vezes o líder não quer ver.

Ter a coragem de olhar no espelho é saber que o que verá hoje pode e deve ser restaurado e aprimorado para amanhã. Olhar no espelho é saber que as marcas que vão aparecer com o tempo em sua imagem são marcas de experiência e crescimento. Assumir postura de aprendizado e desenvolvimento pessoal contínuo todos os dias é um dos fundamentos para um autocuidado que produza bons resultados.

Liderar e olhar no espelho nem sempre são práticas frequentes na vida de um líder. O ativismo nas igrejas e denominações pode levar ao esquecimento daquilo que deveria ser prioritário: manter a imagem íntegra, refletindo o caráter de Cristo. Como nos lembra I Coríntios 13:11-12, o líder precisa amadurecer e deixar de lado as "coisas de menino", buscando um conhecimento mais profundo de si mesmo e de Deus. Liderar em frente ao espelho exige disciplina, crescimento constante e coragem para reconhecer as próprias falhas e clamar a Deus por socorro.

Em Josué 1:9 Deus nos encoraja: "*Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não temas, nem te espantes; porque o SENHOR teu Deus é contigo, por onde quer que andares.*" É fundamental que o líder reconheça a importância de estar pronto para liderar a família, a igreja e a denominação, entendendo o que significa ser líder aos olhos de Deus. É preciso respeitar os limites do próprio corpo, organizar o tempo e repensar o uso excessivo de energia, como nos adverte Shook:

*Quando aumentamos a energia e o grau de envolvimento, multiplicamos o tempo. É por isso que alguém pode trabalhar dezoito horas por dia e ainda assim não ser eficiente. Provavelmente o excesso de horas será apenas prejudicial, porque a pessoa perde a criatividade e a saúde e, no fim das contas, acaba com o desgaste físico e emocional. É senso comum que o vício no trabalho tem raízes no mau gerenciamento da energia. Em muitos aspectos, isso se resume ao contraste entre quantidade de vida versus qualidade de vida. Não se trata de adicionar anos a vida, mas acrescentar vida aos anos. (Shook 2008, p. 197)*

A transformação do líder deve acontecer em todos os âmbitos de sua vida: no lar, na igreja, na comunidade e na denominação. A melhoria da qualidade de vida do líder terá um impacto positivo em suas atitudes e ações, refletindo em um novo estilo de vida. Como diz o ditado popular, "*Os tristes acham que o vento geme; os alegres e cheios de espírito que ele canta.*" A maneira como o líder encara a vida faz toda a diferença. É preciso sair da rotina, quebrar preconceitos e criar um estilo de vida pautado em Cristo.

As ações do líder devem deixar marcas, impactando a próxima geração e demonstrando um verdadeiro avivamento e transformação de vidas. I Coríntios 10:11-13 adverte que as dificuldades fazem parte do caminho, mas Deus não permitirá que seja tentado além de suas forças. Mesmo aqueles que não almejam ser líderes podem se identificar com as preocupações aqui apresentadas.

É preciso estar preparado para os desafios diários, buscando em Deus a transformação contínua e a santificação almejada.

Efésios 5:8-10 nos lembra que o líder tem a responsabilidade de ser luz e sal, influenciando positivamente a nova geração. É preciso traçar objetivos claros, definir planos e manter a vida íntegra diante dos projetos que vêm de Deus. A comunhão com Deus, o conhecimento de sua Palavra e a oração são fundamentais para o líder. Aprender a depender de Deus facilita a tarefa de olhar no espelho, pois estará sempre percebendo novos traços em nossa imagem, marcados pela ação de Cristo.

### **Considerações Finais**

Ao olhar no espelho pela manhã, o líder se sentirá pronto, revestido pela sabedoria, oração e fé, e ungido pela santidade que vem de um caminhar com Deus. Ao voltar para casa à noite, mesmo cansado, receberá o bálsamo que o fortalecerá, pois sua dependência está em Deus. Sua imagem no espelho será nítida e clara, pois seu objetivo é ser um servo de Deus. O abuso espiritual não fará parte da vida do líder que se olha no espelho. A busca pela presença de Deus será constante, e a liderança será exercida pelo poder e graça de Cristo.

Olhar no espelho pode ser um ato simples, mas profundo. É um convite à reflexão, ao autoconhecimento, a prevenção e à busca por um ideal de liderança que se baseia em valores sólidos, como a honestidade, a humildade, a coragem, a ética e o amor. Que cada líder possa olhar no espelho e se perguntar: "Que tipo de líder eu quero ser? Que legado eu quero deixar? Estou vivendo de acordo com os princípios que acredito?". Que essas reflexões nos inspirem a buscar a cada dia a melhor versão de nós mesmos, para que possamos liderar com integridade, paixão e sabedoria.

Lembremos sempre das palavras de I Pedro 5:7: "*Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós*". Que essa certeza nos fortaleça e nos capacite a liderar com confiança e esperança. Romanos 15:13 nos deseja que "*o Deus da esperança vos encha de todo gozo e paz e vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo.*"

Ao liderar em frente ao espelho, esperamos que sua família, igreja e denominação sejam abençoadas.



Que a capacitação não seja autossuficiente, mas sim vinda de Deus, que tem agido em sua vida, fortalecendo-o e dando novos traços à sua imagem. 2 Coríntios 3:18 nos revela o ideal do líder: "*Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.*"

Que esse seja o desejo de todo líder: refletir a imagem de Cristo, liderando em frente ao espelho, sempre se colocando como servo, para cumprir o grande ministério que lhe foi dado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Durvalina. *A Missão de Interceder: Oração na obra missionária*. Londrina. Editora Descoberta, 2003.

Bíblia. Português. Imprensa Bíblica Brasileira – Versão Revisada – Melhores Textos – Original. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

BUCKLAND, Colin. *O Líder de Carne e Osso*. São Paulo. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2003.

CURY, Augusto. *O Código da Inteligência*. Rio de Janeiro. Thomas Nelson Brasil, 2008.

DUSILEK, Nancy. *Descobrimo e Capacitando Líderes*. Rio de Janeiro. Convicção Editora, 2008.

EZELL, Rick. *Desafiando seus impossíveis*. São Paulo. Editora Vida, 2006.

FERREIRA, Ebenezer. *O Perfil do Pastor*. Rio de Janeiro. Âncora d'Alma, 1996.

HUNTER, James. *O Monge e o Executivo*. Rio de Janeiro. Editora Sextante, 2004.

HYBELS, Bill. *Liderança Corajosa*. São Paulo. Editora Vida, 2002.

\_\_\_\_\_ *Quem é Você quando Ninguém está Olhando*. Belo Horizonte. Editora Betânia S/C, 2000.

LUCADO, Max. *Aliviando a Bagagem*. São Paulo. Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

MAXWELL, John. *O Líder 360 Graus*. Rio de Janeiro. Thomas Nelson Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_ *21 Minutos de Poder na Vida do Líder*. Rio de Janeiro. Thomas Nelson Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_ *Talento não é Tudo*. Rio de Janeiro. Thomas Nelson Brasil, 2007.

SHOOK, Chris. *Um Mês para Viver*. São Paulo. Editora Mundo Cristão, 2008.

# RESENHA



Miranda, Valtair. *Para pensar sobre o fim*. São Paulo: Fonte Editorial, 2024. 83 p. ISBN 978-65-00-96084-6.

Vitor Emanuel Correa de Mesquita1

A presente resenha tem como objetivo analisar de forma descritiva o livro do professor Valtair Miranda, intitulado *Para Pensar o Fim: O Que é Escatologia?* Valtair Afonso Miranda é teólogo, cientista da religião e historiador, com pós-doutorado em Cognição e Linguagem (UENF), doutorado em História (UFRJ), doutorado em Ciências da Religião (UMESP) e mestrado em Teologia (STBSB). É professor de História do Cristianismo na Faculdade Batista do Rio de Janeiro e tem realizado pesquisas na história da recepção das ideias milenaristas, da literatura apócrifa e da relação entre espiritualidade e saúde.

O livro de Valtair Afonso Miranda é dividido em cinco capítulos, cada um abordando um aspecto distinto da escatologia, tanto sob o ponto de vista teológico quanto histórico. A justificativa apresentada no livro do professor Valtair Miranda é oferecer ao leitor um panorama introdutório ao tema da escatologia, esclarecendo os principais conceitos e questões que envolvem o estudo do fim dos tempos. O autor propõe uma reflexão acessível sobre a escatologia, não apenas como um tema teológico, mas como um elemento de grande relevância para a compreensão da fé cristã e da vida cotidiana. A contribuição do livro é proporcionar ao leitor iniciado uma compreensão melhor compreensão sobre a escatologia.

No primeiro capítulo, Miranda apresenta uma análise introdutória e estruturada sobre as diferentes perspectivas e conceitos que permeiam a escatologia, distinguindo-a de noções correlatas, como apocalipse, apocalíptica e literatura apocalíptica. O capítulo é uma abordagem sistemática, que conjuga precisão terminológica e contextualização histórica, proporcionando ao leitor um panorama sobre do tema. Miranda inicia a discussão definindo escatologia como o estudo das últimas coisas, fundamentado na etimologia do termo: “*escaton*” (fim) e “*logia*” (estudo). Esse conceito é associado à intervenção divina última na história humana ou na vida individual, estabelecendo limites epistemológicos para o discurso teológico devido à incompreensibilidade de Deus e à falibilidade da linguagem humana (2024, p. 12). Ao identificar a morte como o cerne das preocupações escatológicas, Miranda explora questões existenciais e teodicas, conectando-as à universalidade do tema em diversas culturas e religiões (2024, p. 12).

A escatologia cristã, conforme o autor, distingue-se por sua centralidade em Cristo, abrangendo a esperança futura, como também uma análise do presente e do passado. Essa abordagem, segundo ele, dialoga com as tradições judaicas, das quais emerge a noção de uma intervenção divina transformadora que abarca não apenas um povo, mas todo o universo (2024, p. 13). Miranda explica que essa perspectiva é integrada à figura de Cristo no Novo Testamento, apresentado como o agente que inaugura e concluirá o “*escaton*”.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da religião pela UESP. Pós-graduado em História do Cristianismo pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela UNINTER. Formado em Teologia pela UNESA. E-mail: vitoor.279@gmail.com

No tocante à literatura apocalíptica, Miranda ainda apresenta a emergência desse gênero literário entre 250 a.C. e 100 d.C., destacando sua função social e seu caráter reativo às crises históricas vividas por comunidades judaicas e cristãs. Segundo ele, essa produção textual, caracterizada pela utilização de figuras simbólicas, narrativas visionárias e um dualismo presente, reflete a resistência de grupos oprimidos (2024, p. 14-6). O autor identifica nos apocalipses uma tentativa de reconstruir a autoestima dos perseguidos e reafirmar a esperança em um desfecho histórico redentor, ainda que essa crise fosse, por vezes, apenas percebida subjetivamente (2024, p. 17).

Miranda também explora as conexões entre a apocalíptica e a escatologia, posicionando-as como respostas culturais e religiosas à opressão política e à desintegração sócio-religiosa. Ele descreve o apocalíptico como aquele que interpreta e ressignifica a história sob a ótica de uma intervenção divina iminente, propondo uma narrativa de esperança e perseverança em tempos de adversidade (2024, p. 18-20).

No segundo capítulo, Miranda inicia com uma reflexão sobre a origem dos enunciados escatológicos cristãos, apontando sua base na escatologia judaica. Para compreender os conceitos presentes na teologia cristã, o autor propõe uma análise do desenvolvimento histórico das ideias escatológicas a partir do Antigo Testamento. Ele então desenvolve cinco seções no capítulo, a saber: (I) escatologia no Antigo Testamento (II) escatologia entre o período do Antigo e o Novo Testamento (III) escatologia do movimento de Jesus (IV) escatologia Paulina (V) escatologia no apocalipse de João.

Por exemplo, na seção dedicada à escatologia no Antigo Testamento, destaca-se que os conceitos escatológicos passaram por transformações ao longo do tempo, refletindo as mudanças históricas e contextuais do povo de Israel. Inicialmente, as ideias de salvação estavam ligadas ao coletivo, enfatizando a redenção nacional em detrimento de questões individuais (2024, p. 21-4). A narrativa bíblica, conforme Miranda apresenta, exibe a evolução das esperanças escatológicas, começando com a promessa de bênção feita a Abraão, seguida pela expectativa da "terra que mana leite e mel" e culminando com a noção de um futuro reino messiânico (2024, p. 27-43).

Ainda no capítulo dois, na última seção, Valtair Miranda destaca a relevância do último livro do Novo Testamento como a principal obra formativa da escatologia cristã. O autor apresenta o apocalipse como uma peça central para compreender as narrativas escatológicas, situando-o em um contexto histórico específico de crises internas e externas enfrentadas pelas comunidades cristãs no final do primeiro século (2024, p.49).

Ele explica que o autor do Apocalipse, identificado como João, era um líder influente entre as igrejas da Ásia Menor. Conforme Miranda (2024), o livro foi escrito por volta de 90-96 d.C., durante o exílio do autor em Patmos, uma ilha no Mar Egeu. O contexto histórico é marcado por intensas perseguições romanas, como as de Nero (64-68 d.C.), e pelos efeitos devastadores da guerra judaica contra Roma, que culminou na destruição de Jerusalém em 70 d.C. Logo, Miranda explica que o autor do Apocalipse responde a essas condições de insegurança e instabilidade social, mas também aborda problemas internos, como o enfraquecimento da fé e divisões entre os próprios cristãos (2024, p. 50-4). Valtair Miranda trabalha os capítulos 12 a 16 do apocalipse como o núcleo do livro, articulado em torno de três sinais: a mulher vestida de sol, o grande dragão vermelho e os sete anjos com as taças de juízo. Esses sinais, ainda que desiguais em extensão, estão interligados e representam, respectivamente, o povo de Deus, os inimigos opressores e o juízo divino (2024, p. 52-3).

Miranda destaca a conexão entre os eventos narrados no apocalipse e a crise social e religiosa enfrentada pelos cristãos do primeiro século. O livro é apresentado como uma obra multifacetada, que combina elementos de carta, profecia e apocalipse. Neste sentido, o autor (2024) apresenta como a literatura apocalíptica se relaciona com as crises sociais na história. Miranda também ressalta o caráter otimista do Apocalipse, que, apesar de começar com imagens de sofrimento e violência, termina com uma visão de redenção e triunfo. Essa narrativa final reforça a soberania de Deus sobre a história e aponta para a intervenção definitiva com a vinda de Jesus Cristo. Miranda enfatiza que a mensagem central do livro é a implementação do Reino de Deus, que começa na história e se completa na transcendência, oferecendo uma visão esperançosa para os crentes em meio às adversidades.

De forma sucinta, o autor organiza uma linha evolutiva das ideias escatológicas, evidenciando como cada etapa reflete os anseios e desafios do povo de Israel. O texto é uma introdução abrangente e didática ao tema, conectando a escatologia antiga às bases do pensamento cristão.

Se no capítulo anterior Miranda realiza uma linha evolutiva das ideias escatológicas, no terceiro capítulo do seu livro, o professor Valtair Miranda traça um panorama histórico do pensamento escatológico cristão, abordando suas raízes judaicas e seus desdobramentos ao longo dos séculos. O autor retoma como a escatologia, inicialmente moldada pela apocalíptica judaica, foi gradativamente reinterpretada para atender aos desafios teológicos e contextuais de cada época.

Valtair explica que, nos primeiros séculos do Cristianismo, predominava a expectativa do juízo final e renovação do mundo, influenciada pelas concepções judaicas de intervenção divina. Neste sentido, segundo ele, a demora da segunda vinda de Cristo gerou questionamentos, com explicações variadas entre os cristãos, incluindo alegorização e postergação da volta de Cristo para arrependimento. Assim, Miranda segue ao longo do capítulo apresentando a transformação dessas expectativas do juízo final. O quiliassmo, crença em um reino milenar de Cristo, foi defendido até o século IV, quando Agostinho vinculou o milênio à ressurreição de Cristo e sua segunda vinda. Já na Idade Média, a escatologia foi sistematizada, com a ressurreição como centro. Na Reforma trouxe a exegese bíblica como base da escatologia, enquanto o iluminismo a usou para moralizar. Por fim, nos tempos modernos, teólogos como Barth e Bultmann reinterpretaram a escatologia como discurso sobre o presente, e pensadores como Pannenberg e Moltmann enfatizaram a transformação divina, relacionando escatologia a um futuro transformador.

Em síntese, o capítulo apresenta um estudo introdutório, mas detalhado da evolução do pensamento escatológico cristão, destacando as múltiplas leituras e adaptações que a temática recebeu ao longo da história. O professor Valtair Miranda oferece uma análise rica que conecta o desenvolvimento histórico às implicações teológicas.

No capítulo quatro, Valtair aborda as principais correntes que moldaram as visões cristãs sobre o fim dos tempos e a interpretação do apocalipse, refletindo diferentes tradições teológicas ao longo da história. Como afirma Valtair neste capítulo, a escatologia cristã se divide, principalmente, em quatro correntes: o pré-milenismo histórico, o amilenismo, o pós-milenismo e o pré-milenismo dispensacionalista. Cada uma dessas abordagens reflete uma compreensão distinta sobre o milênio (o reinado de Cristo na Terra) e os eventos que precedem e seguem sua volta.

No penúltimo capítulo de seu livro, Valtair Miranda apresenta uma proposta hermenêutica inovadora para a interpretação dos textos escatológicos bíblicos. Ele desafia abordagens unidimensionais tradicionais, como a leitura preterista, que limita os textos ao seu contexto histórico imediato, e a leitura futurista, que os interpreta como previsões exclusivas do futuro. Miranda sugere uma leitura tríplice dos textos escatológicos, considerando-os em três níveis complementares: o histórico, o dinâmico e o escatológico (2024, p. 70-1).

No primeiro nível, o nível histórico, a questão central é a compreensão do autor e seus destinatários imediatos. Miranda aplica essa perspectiva ao exemplo do anticristo no Apocalipse de João, defendendo que, nesse contexto, o anticristo seria o Imperador romano da época. Nesse caso, o foco está no contexto histórico e nas intenções do autor e de seus leitores.

O segundo nível, o nível dinâmico, é o nível de aplicação para o presente. Neste nível, a questão que surge é "Quem é o anticristo?", ou seja, quem, ao longo da história, personifica a oposição a Deus e ao ser humano. Segundo o autor, o anticristo não é uma figura isolada, mas uma constante ao longo da história humana, podendo ser representado por qualquer poder ou entidade que se coloque no lugar de Deus.

O terceiro nível, o nível escatológico, focaliza o futuro, tratando da manifestação final do anticristo, no contexto da volta de Cristo e do fim dos tempos. Esse nível é marcado pela esperança escatológica e pela certeza de que, embora o mal se manifeste ao longo da história, sua consumação ocorrerá com a vinda gloriosa de Cristo, quando o mal será finalmente derrotado.

Valtair ainda aborda questões como a escatologia e sociedade, enfatizando que os enunciados escatológicos não são apenas previsões sobre o fim, mas também refletem o presente. Em relação à escatologia e história, Valtair distingue três modos de abordar o futuro: presságio, profecia e apocalíptica. Enquanto o presságio busca prever o futuro de forma mecânica, a profecia está aberta à ação do povo e ao arrependimento, e a apocalíptica vê o futuro como algo já determinado, no qual o fiel deve perseverar em meio à adversidade. O autor defende que a escatologia cristã não se limita a uma visão fatalista, mas é sustentada pela esperança na vitória final de Deus, que já se manifestou na ressurreição de Jesus. Ao tratar da escatologia e Bíblia, Valtair critica a leitura literalista das escrituras, que tenta sistematizar as profecias bíblicas sem considerar o contexto histórico e teológico em que foram produzidas.

# RELATOS LAUSANNE





Meu nome é Eder Matias Chitende Joaquim, sou um dos 13 angolanos, que tivemos a oportunidade de participar do 4º congresso de Lausanne.

Minha experiência com os ideais e o movimento de Lausanne até ao momento teve sim como ponto mais alto o congresso de Seul. Contudo, entendo ser interessante constar do relato não somente o tempo no local durante o congresso mas um pouco de todo percurso que envolve tanto o conhecimento e relacionamento que tenho com o movimento de Lausanne, como também o processo de candidatura e preparação para a participação deste que foi o 4º congresso do Movimento.

Já passam vários anos desde que pela primeira vez ouvi a palavra Lausanne, e nessa altura foi realçada uma frase muito conhecida, que já vinha desde o primeiro congresso realizado na cidade de Lausanne na Suíça em Julho de 1974, que era algo parecido ao seguinte: “O evangelho todo para o homem todo”.

Alguns anos bem mais tarde comecei a participar do curso de mestrado em missiologia pelo Seminário Teológico Baptista do Huambo em Agosto do ano 2022, onde decidi desenvolver um tema muito ligado a teologia da missão integral, e por conta disso tive contacto com muito mais informação a respeito do movimento, porque precisei ler o pacto de Lausanne, bem como outros escritos para assim estar mais por dentro do assunto, o que naturalmente aumentou minha curiosidade e interesse pelo movimento e os seus valores.

No decurso da formação, em Abril ou Maio do ano 2023 ouvimos em sala de aula, por intermédio da professora de Teologia da Missão, a Dra Analzira Nascimento, sobre a realização do 4º congresso que teria lugar na Coreia do Sul no ano seguinte. Sem perder tempo comecei o processo de candidatura que culminou com a aprovação da minha pretensão para participar no congresso, só que esta aprovação seria para o regime virtual, o que era totalmente contrário a minha intenção de estar presente no local.

Passados oito meses, em Janeiro de 2024, a organização do congresso fez-me saber que havia a possibilidade de alterar a minha participação de virtual para presencial, e perguntava se eu estava interessado nessa troca, ao que acedi imediatamente. Comecei com os pagamentos de inscrição presencial o que para a nossa realidade eram/são custos altíssimos, mas tendo em consideração o valor do movimento e congresso de Lausanne para mim nessa altura, e a oportuna abertura de pagamento em prestações, isto configurou-se numa facilidade importante, por isso avancei sem hesitar.

De Fevereiro até Setembro, precisei renovar o passaporte, pois o actual expiraria em Julho. Era uma preocupação muito grande, porque precisava comprar os bilhetes com antecedência e precisava do passaporte renovado o mais rápido possível, o que também se afigurava difícil, uma vez que nos últimos anos os passaportes em Angola na maioria das vezes estão/vam a demorar de 6 a 12, e até mesmo 24 meses nos casos mais extremos.

Consegui comprar os bilhetes até o mês de Junho. Isto foi também uma aventura já que foram pagos por conta própria e por serem os mais económicos possíveis, estava traçado um percurso só de ida de aproximadamente 30 horas de avião até chegar em Incheon na Coreia. A minha experiencia no congresso envolve toda esta odisseia, que ainda não acabou!

Nessa altura do mês de Junho já com os bilhetes em mãos, ainda não tinha nem o passaporte e nem o visto. Assim entre idas e vindas à Luanda e os muitos contactos solicitados, ou seja, “corredores” para que ajudassem a acelerar a emissão do passaporte, somente no fim do mês de Agosto pude finalmente receber o passaporte renovado. Animado fui para embaixada Sul-Coreana em Angola no dia 26 de Agosto, (menos de um mês para a realização do congresso), para dar entrada do pedido de visto, que surpreendentemente foi aprovado em três dias, o que para mim foi muito gratificante pois em anos anteriores já havia tentado vistos para outros países que foram categoricamente negados.

Chegado o tempo, viajei por estrada até Windhoek a capital da Namíbia onde comecei a jornada de avião no dia 20 de Setembro, e depois de muitas escalas, finalmente no dia 22 cheguei na Coreia do Sul.

Algo engraçado aconteceu-me neste primeiro dia na Coreia: do aeroporto fomos transportados para o centro de convenções o **Songdo Convesia** onde fomos registados e recebemos pessoalmente as primeiras informações necessárias para o congresso, bem como um pequeno kit de lembrancinhas. A cerimónia de abertura do congresso estava marcada para a noite do dia 22 de Setembro. Terminado o protocolo inicial eram na altura 9-10 hrs da manhã, por isso fomos transportados para os hotéis, de onde sairíamos por volta das 16h da tarde para o jantar e depois o culto de abertura. Sendo cedo e por estar muito esgotado fisicamente por conta da viagem demorada, precisei descansar, e assim programei o alarme para me despertar as 15h da tarde, mas este foi incapaz de o fazer, dado o pesado sono que me desligou, e o que não queria acabou por acontecer, pois que somente as 18 hrs é que voltei a acordar e assistir na internet o culto de abertura a partir do hotel.

O Congresso foi uma experiência com um misto de sentimentos e realizações:

Na segunda-feira de manhã começaram as sessões do congresso que tinham uma carga pesada que ia das 8 da manhã até as 20 da noite. A primeira sessão era geral onde todos os participantes ficavam reunidos juntos para algumas palestras e discussões em grupo pelos seis integrantes de cada mesa. Seguiu-se um almoço e palestras temáticas em vinte salas para cada uma das lacunas identificadas e propostas pela organização do congresso, e na segunda parte da tarde seguia-se uma outra divisão do grupo para que por interesses também trabalhássemos em colaboração em alguns assuntos propostos. Seguiu-se o jantar e outra sessão que começava as 18 e terminava perto das 20h para de seguida retornarmos aos hotéis.

Pela primeira vez pude estar em tão grande aglomerado de cristãos (perto de cinco mil), de origens geográficas e denominações diferentes. Pude interagir com algumas pessoas envolvidas com negócios e ou donas de empresas, e todas elas estavam a desenvolver algum trabalho relevante em suas áreas de actuação, o que tradicionalmente não se consideraria missionário. Um segundo grupo de pessoas com quem conversei estava ligado a área do ensino teológico.

O tema do congresso foi “Que a igreja proclame e demonstre Cristo unida”, contudo percebeu-se uma tendência muito grande em envolver ou trazer para o congresso pessoas que desenvolvem um testemunho cristão relevante, no mercado de trabalho, longe, se assim pode-se considerar, do formato ou ambiente religioso tradicional.

Fiquei também impactado com as 20 lacunas apresentadas, e muito concorridas para que se debatesses e encontrassem soluções sustentáveis para supri-las nos próximos tempos. O congresso também apresentou o estado da grande comissão um documento extenso e em pelo menos seis idiomas.

Nas palestras temáticas participei na lacuna ligada ao mercado de trabalho. Igualmente para os grupos de trabalho colaborei com os que ficaram com a tarefa de pensar e sugerir soluções em “Polycentric Resource Mobilization” mobilização policêntrica de recursos – tradução livre – neste último grupo a experiência foi muito interessante porque toda conversa precisava ser em inglês, e o grupo era bem heterogêneo, desde as idades e as origens dos participantes, até mesmo no domínio que se tinha ou não do conceito policêntrico. Lamento o facto de que as conclusões que eram lidas no final dos trabalhos pareciam ser pré-elaboradas, distantes daquilo que estávamos a “produzir”. O que deu-me a entender que ainda existem centros de poder, pensamento e direcção teológica de como a missão da igreja global deve ser desenvolvida.

Nas reuniões principais, que aconteceram as manhãs os participantes estiveram agrupados pela proximidade do idioma, assim estive numa mesa de seis e éramos dois angolanos e quatro brasileiros, o que facilitou bastante toda interacção.

Em termos gerais fui ao congresso com expectativa alta, alimentada com as informações e o impacto do primeiro Lausanne. Mas devo admitir que não percebi nenhum deslumbramento teológico. Isto não impediu o meu crescimento e alargamento da visão em relação a igreja de Cristo e sua missão global. As palestras foram boas, algumas até polémicas, mas não foram daí além. Os palestrantes foram excelentes, alguns entre eles muito conhecidos e renomados pelo seu engajamento na produção do pensamento teológico contemporâneo.

Assinamos no fim um documento denominado COMPROMISSO DE AÇÃO COLABORATIVA, um juramento de seis pontos, o que provavelmente seja a grande produção do congresso em termos de resultados que envolva a todos, uma vez que lembra e nos responsabiliza aos cinco mil participantes distintos, a trabalharmos juntos a partir do local onde Deus nos coloca, para o cumprimento da grande comissão com todas as questões que isso implica. Ao terminar, reconheço o alto nível de organização do evento, a disciplina e acolhedora recepção dos Sul-Coreanos, e a beleza deslumbrante das cidades de Incheon e Seul.

Eder Joaquim;  
Dezembro de 2024.

## RELATO FOURTH LAUSANNE -2024-SOUTH KOREA

Vou começar falando o que aconteceu para eu ir lá. Eu e meu marido nos inscrevemos para presencial. Depois de algumas semanas recebemos um email que dizia que estávamos para o Lausanne online.

Colocamos nossos nomes para a lista de espera. E depois recebemos outro email dizendo que eu poderia ir para o presencial. Eu não acreditei de início. Era algo tal extraordinário para acontecer. No seminário, que fizemos, CEM, de Vicoso/MG, ouvimos muito sobre Lausanne e desejávamos muito um dia estar ali.

O dia de ir chegou. Eu, Aline, casada, 2 filhos (menina 13 anos e menino 9 anos), fui sozinha, com o Senhor, para outro país. Foi uma experiência maravilhosa. Quando o primeiro dia chegou para ir e vi aquela quantidade de pessoas, mais de 5000 pessoas de mais de 200 países.

A sensação era estar do outro lado da eternidade. Muitos povos vestidos com suas roupas típicas louvando em suas línguas ao Senhor. Céu! Céu! "Todos os povos, línguas e nações se ajoelharão e reconheceram que Jesus é o Senhor!" Eu podia sentir a presença do Senhor conosco ali, todo tempo.

Ali, ouvi o coração do Pai para as nações para esses tempos. O que Ele tem feito ao redor do mundo. Ele mostrou o que Ele quer de nós. Ele quer que demos as mãos, que façamos a obra de mãos dadas. Ele deseja que todas as nações vejam o seu coração, o quanto ele pulsa para que todos ouçam a sua Palavra, o recebam e vivam a sua Palavra. Saímos dali com a responsabilidade de cumprir o propósito que Ele nos deu para depois dali.

Ajudarmos uns aos outros. Por causa do Lausanne o Pai colocou na minha vida uma irmã em Cristo, do Paquistão. E estamos caminhando juntas para que o evangelho transforme aquele lugar para a sua Glória. Mas vejo que precisamos de mais mãos. Mais pessoas para que isso aconteça. "Orai ao Senhor da seara para que mande mais trabalhadores para a Sua Seara." Clamemos, oremos, levantemos suportes para que Ele volte.

Aline Alvares

